A Liahona 25/6 junho 1972

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

David B. Haight

Assistente do Conselho dos Doze

Posso apreciar e entender perfeitamente o reconhecimento prestado por Néfi aos bons pais. Minha própria mãe, tendo ficado viúva, muito jovem, nunca se furtou ao dever de educar seus filhos espiritualmente. Muitas lições foram-me ensinadas ao pé da cama, durante sua longa enfermidade. Seu testemunho nunca vacilou; isto eu já entendia e senti muito cedo na vida.

Meu pai sempre foi o meu ideal. Desde a minha primeira meninice, eu almejava ser igual a ele — servir os outros, ajudá-los sempre que possível, preocupar-me com a Igreja e a comunidade e auxiliá-las. Meu pai, à semelhança do pai dele, sempre atendia aos chamados da liderança da Igreja e seguia a sua orientação. Espero e oro que continue sendo assim com a minha posteridade.

Hoje, quero honrar a memória de algumas das pessos que ajudaram a moldar minha vida e meu caráter. Disse alguém: "Um bom nome é a melhor herança que meu pai pode legar aos filhos; tampouco existe legado mais rico numa família do que a memória de um nobre antepassado.

CAPA

Mensagem de Inspiração. David B. Haight 2
A Vinda de Elias. Pres. Joseph Fielding Smith 3
Elias, o Profeta. Howard W. Hunter 6
"Este é o meu Filho Amado". Pres. Loren C. Dunn 10
A Época da da Joeira. ElRay L. Christensen 13
O Sacrifício Continua... Pres. Hartman Rector Jr. 16
O Gosto pelo Trabalho. Wendell J. Ashton 19
"Servi Um ao Outro com Amor". Pres. S. Dilworth Young 20
A Sopa de Seixo. Leone Castell Anderson 25
ABINADI. Mabel Jones Gabbott 26
O Estalar do Chicote. Mary Pratt Parrish 28
Marvin J. Ashton. Doyle L. Green 31
A Juventude — Alvo de Satanás. Ezra Taft Benson 41
Querido Pai. Richard L. Evans 45
Palavras Omitidas. Iris Syndergaard 46

NESTE NÚMERO

Élder Marvin J. Ashton, que a 2 de dezembro de 1971, foi chamado para o Conselho dos Doze, ilustra a capa deste mês. Ele é o septuagésimo nono homem escolhido para o apostolado nesta dispensação. Na contra capa ele e a Irmã Ashton desfrutam um momento de lazer com seu neto Michael Ashton. Vide artigo **"Marvin Ashton** do Conselho dos Doze", de autoria de Doyle L. Green, na p. 31. (Fotografia da capa por cortesia do Serviço Informativo da Igreja; fotografia da contra capa foi tomada por Eldon Sinschoten, fotógrafo do **Ensign).**

A Liahona 25/6 junho 1972

Publicação Mensal d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDENCIA
Joseph Fielding Smith
Harold B. Lee
N. Eldon Tanner

CONSELHO DOS DOZE
Spencer W. Kimball
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
Marion G. Romney
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675 - 282-5948

EDITOR
Osiris Grobel Cabral

REDATOR
Aldo Francesconi

ESTACA SÃO PAULO
R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE
Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL
R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE
Nívio Varella Alcover

ESTACA DE CURITIBA
R. Gottlieb Muller, 96, Curitiba, PR

MISSÃO BRASIL CENTRAL
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP - Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE
Alan Millet

MISSÃO BRASIL SUL
R. Princesa Isabel, 342
CP 1513, Pôrto Alegre, RS - Tel. 23-0748

CORRESPONDENTE
Mauro G. de Freitas

MISSÃO BRASIL NORTE
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB - Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE
Alfredo H. Lemos

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP - Tel. 288-4118

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Lonotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr$ 12,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,20; exemplar atrasado: Cr$ 1,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

"E apareceu-lhes (Pedro, Tiago e João) Elias com Moisés, e falavam com Jesus." (Marcos 9:4)

A VINDA DE ELIAS

Presidente Joseph Fielding Smith

Malaquias, o último dos profetas do Velho Testamento, encerrou suas predições com as seguintes palavras:

"Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor;

"E converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição." (Mal. 4:5-6).

Parece-me sumamente apropriado que o último dos profetas antigos encerrasse suas palavras com uma promessa às gerações futuras, prevendo nessa promessa que, num tempo vindouro, haveria um encadeamento das dispensações passadas com as de épocas posteriores. Os enunciados proféticos de Malaquias provaram-se mistério insuperável para a maioria dos comentaristas. Isto se aplica particularmente à sua declaração a respeito da vinda de Elias.

A razão dessas dificuldades deve-se principalmente à incapacidade dos comentaristas bíblicos de compreenderem que é perfeitamente possível e razoável um antigo profeta, que viveu aproximadamente mil anos antes do tempo de Cristo, ser enviado com poder tão extraordinário como o descrito por Malaquias e possuído por Elias. A interpretação popular afirma que essa profecia foi cumprida com a vinda de João Batista como um Elias, com poder de voltar o coração dos pais aos filhos e o dos filhos aos pais. Um dos motivos de tal interpretação é não compreenderem as palavras do anjo a Zacarias sobre João, a saber:

"E irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos; com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto." (Lucas 1:17).

É bem verdade que João veio no espírito e poder de Elias, mas não para cumprir a promessa feita por Malaquias, que, pelo contexto, mostra ser algo destinado a ocorrer nos últimos dias, precedendo de perto ao grande e terrível dia do Senhor, quando Cristo virá à terra pela segunda vez. Tampouco deve parecer irracional a quem acredite nas Escrituras, crer que um profeta antigo possa ser enviado à terra em tempos posteriores. Há um relato muito vívido de autoria dos evangelistas, a respeito da aparição de Moisés e Elias a Pedro, Tiago e João, enquanto estavam com Cristo no Monte da Transfiguração. Se Moisés e Elias puderam aparecer a esses discípulos, centenas de anos depois de terem vivido na terra, não é perfeitamente razoável acreditar que poderão ser enviados de novo, com uma mensagem de salvação e com autoridade aos homens da terra em nossos próprios dias?

Quando o Salvador e seus discípulos desceram do Monte da Transfiguração, o Senhor ordenou-lhes que não falassem a homem algum sobre aquela manifestação, até depois que retornasse dos mortos. Entretanto, eles mostravam-se ansiosos de saber alguma coisa a respeito da vinda de Elias, e respondendo, disse-lhes o Senhor:

"Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas;

"Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram..."

Então os discípulos perceberam que o Mestre se referia a João. O

Réplica da estátua do Anjo Moroni do Templo de Salt Lake.

Salvador não deixou dúvida alguma de que João Batista viera como um Elias, ou seja, para preparar-lhe o caminho; mas deixou claro também que, em algum tempo futuro, haveria de vir um outro Elias, com poder para restaurar todas as coisas. João não restaurou todas as coisas durante seu breve ministério, por mais importante que tenha sido. Seu trabalho foi de preparação para o ministério de Jesus Cristo, e neste sentido, ele foi um Elias.

O nome **Elias** é mais que um nome próprio; é também um título. Elias é alguém que precede outro alguém maior, a fim de preparar-lhe o caminho. Foi neste chamado que serviu João Batista, mas não como restaurador de todas as coisas. É lógico que a restauração de todas as coisas não era um propósito a ser cumprido durante o meridiano dos tempos, quando Cristo estava em seu ministério. Este grande trabalho foi reservado para os últimos dias. Vejamos este ponto por uns instantes.

Pouco antes da ascensão de nosso Senhor, os discípulos perguntaram-lhe "Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?", ao que ele respondeu: "Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder." (Atos 1:6-7) Tal resposta tem um único sentido, isto é, que a restauração não era para os seus dias.

Posteriormente, esta verdade se tornou bem clara àqueles discípulos. Foi pouco depois dessa ocorrência, que Pedro admoestou alguns judeus que haviam sido instrumentos na morte do Senhor; disse-lhes ele que deviam arrepender-se e se converter, e que seus pecados poderiam ser apagados, quando viessem "os tempos do refrigério pela

presença do Senhor. E envie ele a Jesus Cristo que já dantes vos foi pregado. O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio." (Atos 3:19-21).

Também Paulo, escrevendo aos santos de Éfeso, disse-lhes que, na dispensação da plenitude dos tempos, o Pai iria congregar em Cristo todas as coisas, "tanto as que estão nos céus como as que estão na terra". (Efésios 1:10).

Os discípulos sabiam que o tempo da restauração não deveria vir, até que se aproximasse a segunda vinda de Cristo, e seria então a época na qual Elias deveria trazer novamente à terra o seu Sacerdócio e devolver ao homem o poder de selar na terra como nos céus, a fim de que a humanidade dispusesse dos meios de escapar da destruição que atingiria os iníquos naquele grande e terrível dia do Senhor. Esse grande e terrível dia do Senhor não pode ser outro senão a vinda de Jesus Cristo, para estabelecer o seu reino em poder entre os justos da terra, e limpá-la de toda iniquidade. Não será um dia de têmor e motivo de apavoramento para o coração dos justos; contudo, será um grande dia de temor e terror para os ímpios. Isto sabemos pelas palavras do próprio Salvador ao ensinar seus discípulos.

Dispomos de uma interpretação muito mais clara das palavras de Malaquias, dada por Morôni, o profeta nefita, que apareceu a Joseph Smith a 21 de setembro de 1823. Eis aqui a forma como o anjo as citou:

"Eis que vos revelarei o Sacerdócio pela mão do profeta Elias, antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor.

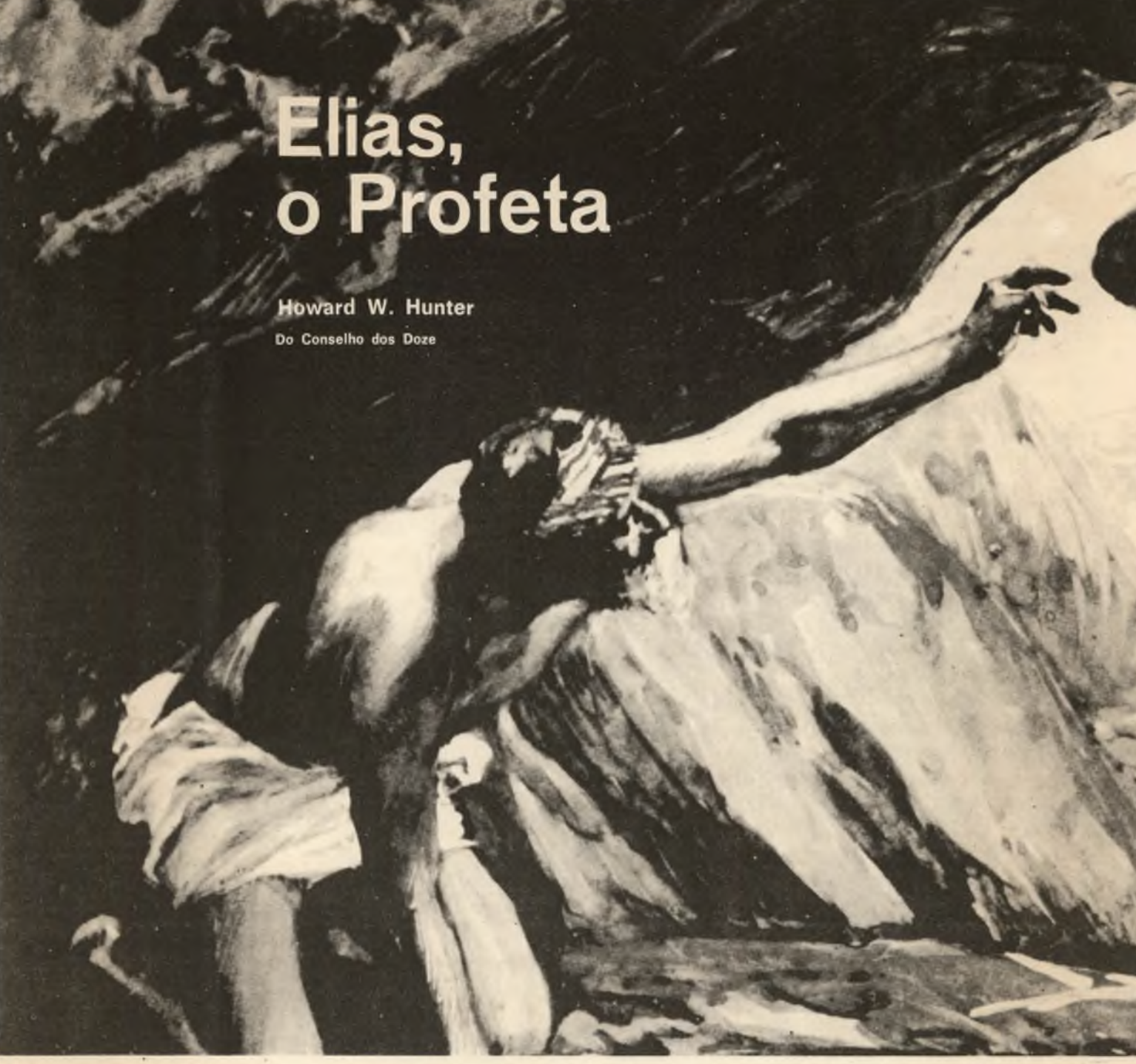
"E ele plantará no coração dos filhos as promessas feitas aos pais, e os corações dos filhos se voltarão aos pais.

"Se assim não fosse, toda a terra seria totalmente destruída na sua vinda." (D&C 2:1-3).

Morôni informou a Joseph Smith que tal predição estava para se cumprir, e isto aconteceu realmente uns doze anos mais tarde, a 3 de abril de 1836. Nesse dia, Elias apareceu a Joseph Smith e Oliver Cowdery no Templo de Kirtland, e ali conferiu-lhes o seu Sacerdócio, que é o poder de ligar ou selar, na terra como nos céus. As chaves desse Sacerdócio estavam com Elias, a quem o Senhor deu poder sobre os elementos bem como sobre os homens, com a autoridade de selar sobre os justos todas as ordenanças pertencentes à plenitude de salvação, para o tempo e toda a eternidade. O Profeta Joseph Smith falou que Elias foi o último profeta a possuir as chaves desse Sacerdócio; e fora designado a vir e restaurar aquela autoridade na derradeira dispensação, a fim de que todas as ordenanças do Evangelho pudessem ser obtidas retamente; e que, sem essa autoridade, as ordenanças não seriam corretas.

Por conseguinte, a restauração dessa autoridade é a levedura que salva a terra de ser inteiramente destruída na vinda de Jesus Cristo. Quando conseguimos fixar esta verdade firme e claramente em nosso espírito, é fácil de ver que haveria somente desastre e confusão, se Cristo surgisse sem que o poder de selar estivesse na terra. O Senhor não reconhece qualquer ordenança ou cerimônia, ainda que celebrada em seu nome, se não estiver de acordo com a sua vontade, e feita por alguém como seu servo autorizado. Foi por essa razão que enviou mensageiros sagrados de sua presença a Joseph Smith e outros, para que restaurassem o que havia sido retirado da terra, mesmo a plenitude do Evangelho, e a plenitude e as chaves do Sacerdócio. Nesse dia de restauração, era necessário que viesse não só Elias com o poder selador para validar todas as ordenanças e cerimônias do Evangelho, mas que viessem também os profetas antigos que retinham as chaves de dispensações desde os dias de Adão até Pedro, Tiago e João, restaurando sua autoridade nesta, a dispensação da plenitude dos tempos. Isto ficou positivamente estabelecido por Pedro e Paulo, em suas instruções aos santos da primitiva igreja de Jesus Cristo. Mas aqui estamos considerando somente a vinda de Elias com as chaves de selamento, apondo o selo de aprovação a tudo o que é feito na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, de modo que seja reconhecido nos céus e perante o trono de Deus.

O mais importante evento resultante da restauração dessa autoridade possuída por Elias é plantar no coração dos filhos as promessas feitas aos pais, de que as ordenanças devem ser feitas por eles nos templos do Senhor, a fim de possibilitar a salvação, no reino de Deus, a todos os pais que a merecerem. Isto será logrado pelo trabalho vicário realizado pelos filhos em favor deles. Elias restaurou o poder pelo qual marido e mulher podem ser selados pelo tempo e toda a eternidade, pois que o casamento foi instituído antes de a morte chegar ao mundo, e, segundo os propósitos do Senhor, ele deve ser eterno.



Elias, o Profeta

Howard W. Hunter
Do Conselho dos Doze

Há não muito tempo, ouvi um eminente orador discutir as tendências modernas da juventude. Ele chamou a atenção para o fato de que os jovens de hoje seguem rumos diferentes dos percorridos pelos pais. O orador salientou a preocupação dos pais pelos filhos que, acreditam eles, estão sendo induzidos em erro pelas inovações atuais da sociedade.

O orador demorou-se bastante, discutindo o "conflito de gerações" nos lares de hoje, entre a geração atual e seus pais. Depois, tomou o partido da juventude, alegando que é preciso haver esse conflito de gerações, para que haja verdadeiro progresso no mundo, porque os pais pertencem à geração passada, e nós precisamos de uma mentalidade nova, de novas idéias e uma mudança do velho. Alegava que, se os filhos seguissem rumo idêntico ao dos pais, nunca haveria progresso; por isso, temos que aceitar o novo, mesmo que seja forçado pelo levante da geração moderna contra as maneiras tradicionais do passado. Perguntava ele: "Quem poderá afirmar que o velho

é melhor que o novo, sem que este tenha sido experimentado e testado?"

Prosseguindo com sua argumentação, declarou que a brecha ou diferenças entre pais e jovens não precisa ser permanente, apenas para o propósito temporário de prover uma nova mentalidade e progresso preliminares à um relacionamento mais maduro, no qual os pais entendam melhor os ideais e esforços dos filhos e estes compreendam melhor seus pais. O relacionamento mútuo iria tornar-se mais forte em consequência desse ajustamento que uniria os velhos e moços, à medida que suas divergências fossem resolvidas por meio de transigência intelectual.

Então, seguiu-se uma insólita citação das Escrituras, em apoio a essa proposição. Foram lidos os dois últimos versículos do Velho Testamento:

"Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor;

"E converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição." (Malaquias 4:5-6)

Nenhuma outra passagem apresenta aos estudiosos do Velho Testamento maiores problemas de interpretação do que esta de Malaquias a respeito do envio de Elias para converter o coração dos pais aos filhos e o dos filhos a seus pais. Quem é esse profeta Elias, que deverá vir antes do grande e terrível dia do Senhor? Vejamos alguns dos pontos altos de sua vida.

A primeira menção referente a Elias diz ser ele um tesbita de Gileade, a leste do Jordão, na região da Galiléia. As ocorrências com que esteve associado deram-se no nono século antes do nascimento de Cristo. Este grande profeta foi um dos líderes da defesa de Jeová como o verdadeiro Deus de Israel contra os que promoviam o culto a Baal. Sua vida está ligada a muitos milagres. Elias profetizou ao Rei Acabe que haveria uma seca, e isto realmente aconteceu. O profeta dirigiu-se para o ribeiro de Carite a leste do Jordão. O riacho fornecia-lhe a água, e o Senhor fez com que fosse alimentado pelos corvos, pela manhã e à noite. Em decorrência da seca, o ribeiro acabou secando, forçando-o a procurar outro refúgio.

O Senhor orientou-o a procurar uma pobre viúva que morava com seu filho único. Elias encontrou-a junto à porta da cidade e pediu-lhe pão e água. A viúva retrucou: "Vive o Senhor teu Deus, que nem um bolo tenho, senão somente um punhado de farinha numa panela, e um pouco de azeite numa botija; e vês aqui, apanhei dois cavacos, e vou prepará-lo para mim e para meu filho, para que o comamos, e morramos." (I Reis 17:12)

Elias então disse-lhe que não temesse, pois o punhado de farinha e o pouco de azeite não diminuiriam, e os sustentariam durante a prolongada seca.

Naquele tempo, aconteceu que o filho da viúva ficou doente e morreu, ou estava às portas da morte. Elias clamou ao Senhor, e o rapaz voltou a respirar e reviveu.

Mais tarde, o Senhor apareceu a Elias, ordenando-lhe que fosse ao Rei Acabe e anunciasse que a seca estava para terminar. Acabe casara-se com Jezabel, filha do rei de Tiro, onde se cultuava o deus Baal. Ela introduziu o culto de Baal entre os hebreus e passou a atacar a religião hebraica e o Deus de Israel.

Quando Elias foi ao Rei Acabe para anunciar-lhe o fim da seca, o monarca acusou-o de provocar tumultos em Israel. Elias acusou Acabe de transgredir os mandamentos do Senhor e seguir a Baal. Desafiou os profetas de Baal, protegidos de Jezabel, a se encontrarem com ele no Monte Carmelo, a fim de determinarem qual era o Deus verdadeiro, o Senhor ou Baal.

Acabe convocou o povo de Israel, e Elias enfrentou sozinho os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal, enquanto o povo observava. A prova consistia em erguer dois altares — um para o Senhor e outro para Baal — colocando-se em cima deles dois bezerros sacrificiais, sem acender, porém, a lenha. Aquela divindade que respondesse ateando o fogo, seria aceita como Deus. Os quatrocentos e cinquenta profetas foram os primeiros; invocaram Baal desde a manhã até ao meio-dia, porém, não houve resposta alguma. Em seu frenesi, saltaram sobre o altar e feriram-se com facas e lancetas, até verterem sangue; ainda assim, não houve resposta.

Então chegou a vez de Elias. Pediu que lhe trouxessem água para derramar sobre o sacrifício por ele preparado, e disse: "Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, manifeste-se hoje que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo, e que conforme a tua palavra fiz todas estas coisas.

"Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo conheça que tu, Senhor, és Deus, e que tu fizeste tornar o seu coração para trás.

"Então caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras e o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego.

"O que vendo todo o povo, caíram sobre os seus rostos, e disseram: Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!" (I Reis 18:36-39)

O céu enegreceu-se com nuvens e vento, sobrevieram chuvas torrenciais e, assim, terminou a seca.

Jezabel enfureceu-se e ameaçou Elias; este fugiu para Berseba ao sul e depois para o deserto de Sinai. Seu encontro ali com o Senhor tornou-se o tema musicado por Mendelssohn, no seu belo **Oratório de Elias.**

No monte, ele sentiu a força do vento que quebrou as rochas do Sinai, e houve terremoto e fogo, e na calma que se seguiu, a voz do Senhor se fez ouvir, dizendo: "Que fazes aqui, Elias?" Ele respondeu: "... os filhos de Israel deixaram o teu concerto... e buscam a minha vida para ma tirarem." (I Reis 19:9-10) Duas tropas de soldados foram mandadas para capturar Elias, mas este invocou um fogo dos céus e eles foram consumidos.

Elias, o grande defensor de Jeová, e Eliseu, seu amigo, caminharam juntos de Jericó até o Jordão. Elias tomou seu manto e feriu as águas, que se dividiram, permitindo que os dois as atravessassem no seco.

"E sucedeu que, indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho." (II Reis 2:11)

A história de Elias está no Velho Testamento e existem referências a ele também no Novo Testamento; porém, sem mais revelações, teríamos ficado em trevas quanto à sua missão e ao sentido da promessa expressa por Malaquias. A primeira revelação registrada desta dispensação, as palavras do Anjo Moroni ao Profeta Joseph Smith, repete quase que literalmente as expressões empregadas por Malaquias, e indica que Elias ainda estava para vir. Oito anos mais tarde, poucos dias após a dedicação do Templo de Kirtland, Joseph Smith e Oliver Cowdery acabavam de orar no templo, quando lhes foi manifestada uma maravilhosa visão. Permitam-me ler apenas umas poucas linhas, segundo o registrado em Doutrina e Convênios, seção 110: "O véu

foi retirado de nossas mentes, e abertos os olhos do nosso entendimento."

O Senhor apareceu de pé sobre o púlpito e lhes falou. Em seguida, apareceu Moisés depois Elaías, e prossegue o registro:

"Depois que esta visão se encerrara, outra e grande gloriosa visão fulgurou sobre nós; pois Elias, o profeta, que foi transladado aos céus sem ter experimentado a morte, estava em pé diante de nós, e disse:

"Eis que chegado é o tempo exato do qual falou Malaquias — testificando que ele (Elias) seria enviado, antes que o grande e terrível dia do Senhor viesse —

"Para converter os corações dos pais aos filhos e dos filhos aos pais, para que a terra toda não seja ferida com uma maldição —"

Nos séculos que se foram, muita gente viveu e morreu sem haver tido conhecimento do Evangelho. Como serão julgados, na ausência desse conhecimento? Pedro que, disse, após Cristo ter sido crucificado, "mas vivificado pelo Espírito... (ele) foi, e pregou aos espíritos em prisão." (I Pedro 3:18-19) Depois acrescenta: "Porque por isto foi pregado o Evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito." (I Pedro 4:6) Assim, pois, aqueles que morreram sem conhecimento do Evangelho, terão a oportunidade de ouvir e acatá-lo, e aceitar o batismo.

Seria justo que as pessoas que viveram na terra e morreram sem a oportunidade de batizar-se, ficassem dela privadas por toda a eternidade? Haverá alguma coisa de irracional em se realizar o batismo pelos mortos? Talvez o próprio Mestre seja o maior exemplo da obra vicária pelos mortos. Deu sua vida como expiação vicária, para que todos os que morrerem possam viver de novo e ter vida eterna. Ele fez por nós o que não poderíamos fazer pessoalmente. E da mesma forma nós podemos realizar ordenanças por aqueles que não tiveram a oportunidade de celebrá-las em vida.

Não só os batismos podem ser feitos pelos mortos, mas também os "endowments" (investiduras); e também os selamentos, pelo qual a mulher se torna companheira eterna do marido e depois, selando os filhos a eles como família. O selamento de unidades familiares pode prosseguir até que a família de Deus esteja perfeita. É esta a grande obra da dispensação da plenitude dos tempos, pela qual o coração dos pais é convertido aos filhos e o dos filhos aos pais. A unificação e redenção da família de Deus já era plano divino, antes de se lançarem os fundamentos da terra.

Testifico que o mesmo profeta que foi alimentado pelos corvos, pelo terminável punhado de farinha e resto de azeite, que fez retornar à vida o filho da viúva, cujo sacrifício foi consumido por fogo espontâneo, que foi arrebatado aos céus num carro de fogo, de fato apareceu em nossos dias como fora predito por Malaquias. Ele está convertendo os corações desta e das gerações passadas uns aos outros.

Antes da edificação de templos nesta dispensação e do aparecimento de Elias, pouco interesse havia em pesquisar e identificar famílias do passado. Mas depois da construção dos templos, a pesquisa genealógica tem merecido um rápido crescente interesse no mundo. A vinda de centenas de pessoas à Cidade do Lago Salgado, representando quarenta e cinco nações, a fim de participarem da Conferência Mundial sobre Registros, é uma prova desse enorme interesse.

Retornemos às afirmações daquele orador a respeito das tendências da juventude moderna. Poderiam as palavras de Malaquias significar que a missão de Elias nestes últimos tempos seria resolver divergências entre pais e filhos, restaurar a calma doméstica e desfazer a brecha entre gerações? Certamente que não A revelação moderna deu-nos o verdadeiro sentido. Eis as palavras de Joseph Smith em resposta a essa questão:

"... este é o espírito de Elias, que redimamos os nossos mortos, e nos liguemos com nossos pais que estão no céu, e selemos nossos mortos, para que possam ressurgir na primeira ressurreição..." **(Documentary History of the Church,** vol. 6, p. 252; também **Ensinamentos do Profeta Joseph Smith,** p. 136)

Que o espírito de Elias possa calar fundo em nosso coração e dirigir-nos aos templos, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

"Este é o meu Filho Amado"

Presidente Loren C. Dunn

Na seção sessenta e oito de Doutrina e Convênios, encontramos estas palavras familiares: "E novamente, se em Sião ou em qualquer de suas estacas organizadas, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sobre a cabeça dos pais seja o pecado.

"Pois isto será lei para os habitantes de Sião ou para os de qualquer de suas estacas organizadas.

"E, quando alcançarem os seus filhos os oito anos de idade, deverão ser batizados para a remissão de seus pecados, e receberão a imposição das mãos.

"E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor." (D&C 68:25-28).

A fim de ajudar-nos nessas sagradas responsabilidades, o Senhor deu-nos por revelação o programa da reunião familiar. Porém, o sucesso das reuniões familiares baseia-se no relacionamento apropriado entre os pais e demais membros da família.

Por exemplo, não creio que haja no mundo inteiro um relacionamento comparável ao que pode existir entre um pai e seus filhos — relacionamento nascido do amor e daqueles profundos sentimentos, primeiramente instintivos, e mais tarde nutridos e desenvolvidos pelo amor, bondade e consideração.

Falo aqui da relação pai-filho, não para desmerecer de forma alguma o extraordinário papel da mãe, mas como nunca fui mãe, julgo-me desqualificado para falar desse ponto

de vista. Além do mais, estou convicto de que, de um modo geral, as mães da Igreja necessitam de um pouco mais de colaboração dos maridos na criação desses vínculos especiais entre pais e filhos, que fazem da célula familiar um pedacinho do céu na terra.

Impressiona-me o fato de que o plano de redenção e salvação para toda a humanidade tenha sido arquitetado entre um pai e seu filho, mesmo Deus, o Pai, e seu Filho Jesus Cristo.

Acredito que um dos pontos significativos da história de Joseph Smith é o anjo Moroni mandá-lo ir ao pai e contar-lhe tudo o que havia acontecido.

Até mesmo na restauração do Evangelho de Jesus Cristo, o Senhor teve o cuidado de reconhecer os vínculos entre aquele rapaz e seu pai, fazendo questão de que nada os prejudicasse. Sim, a ligação de um pai com seus filhos pode e deve ser uma coisa toda especial.

É verdade que nem sempre se pode predizer no que vão dar os filhos, e, é possível que, sob as melhores condições, aconteça alguma coisa que leve um membro da família a desviar-se. Ainda que tais coisas por vezes sejam difíceis de compreender, mais de uma vida já foi recuperada e modificada para o bem, por causa do amor inabalável de um pai por seu filho ou filha — um amor que tende a minorar as frustações experimentadas pelos jovens, enquanto procuram encontrar-se a si próprios, em meio ao conflito de ideais e a realidade.

Certo comentarista descreveu o moço típico de hoje como um rapaz "a quem se diz que deve ser forte, belo, destemido etc. — enfim, um escoteiro com a sofisticação da "alta roda". É constantemente bombardeado com os inevitáveis "comerciais" de cerveja, cigarros, cartões de crédito e viagens ao exterior. À garota, é sugerido que será um fracasso total, se não se parecer com uma "exuberante" estrela do cinema. Não admira que os coitados sintam-se arrasados quando começam a comparar-se com o pretenso "ideal".. Uma das coisas mais difíceis é como tranquilizar a mente juvenil. Não é bom dizer-se que não importa, porque importa, sim. Não é bom dizer-se que a mágoa é passageira, logo deixará de doer. Mas, poderia ser útil procurar convencer o jovem de que, a despeito das discrepâncias entre ele e os falsos ideais apregoados diante de si possui tanto valor humano como qualquer pessoa, e não é preciso desesperar-se."

Esse conflito de ideais e padrões entre o que o jovem aprende na Igreja e o que dele se espera no mundo, cria uma enorme frustação. O pai, certamente, é a pessoa mais indicada para ajudá-lo a pôr as coisas na devida perspectiva, auxiliando o filho ou filha a entender o que é e o que não é importante na vida, estando presente para renovar a confiança e amor e fazendo o filho sentir-se importante, ao ajudá-lo a ser ele próprio e a manter-se fiel a seus padrões.

Certa vez, alguém disse que as pessoas idosas e de meia-idade costumam esquecer-se da aguda sensibilidade dos jovens e do que os perturba tanto. Os jovens nunca tiveram qualquer experiência com esse pasmoso processo chamado mocidade, e isso é uma coisa que todos nós devemos compreender.

Quando um "pai" da Igreja procura ser um verdadeiro pai para seus filhos, ocasionalmente surgem certos conflitos especiais. Na seção 75 de Doutrina e Convênios, diz o Senhor: "E novamente, na verdade vos digo que todo o homem que for obrigado a manter sua própria família, que mantenha, e de modo nenhum perderá a sua coroa; e que trabalhe na igreja." (D&C 75:28).

Isto estabelece duas responsabilidades fundamentais: manter nossa família e trabalhar na Igreja. Por vezes, o aparente conflito entre o dever do pai para com sua família e as muitas responsabilidades eclesiásticas, pode suscitar dúvidas.

Em resposta a isto, certamente todos os líderes da Igreja responsáveis pela organização e convocação de reuniões de cunho administrativo deveriam compreender que uma reunião bem planejada e organizada com horário e duração determinados antecipadamente, não só tirará máximo proveito do tempo, como também contribuirá para que os irmãos participantes recebam apoio de suas esposas e filhos.

Reunião bem planejada significa que a família sabe a que horas poderá esperar o retorno do marido ou pai. Uma reunião bem planejada aproveita ao máximo o tempo disponível, e assim, reduz o número de reuniões suplementares que podem prejudicar desnecessariamente o convívio do pai com sua família. Reuniões bem planejadas e organizadas são, sem dúvida, uma bênção, tanto para os familiares dos "pais" da Igreja, como para os pais que têm de comparecer a essas reuniões.

Por outro lado, como indica a passagem de Doutrina e Convênios ci-

tada há pouco, o Senhor espera que cuidemos da nossa família e também de nossos deveres na Igreja.

Talvez nem sempre o pesado fardo de encargos na Igreja possa ser responsabilizado pelo relacionamento deficiente entre o pai e a família. Meu pai foi presidente de estaca durante vinte anos. Foi empossado quando eu tinha seis anos, e desobrigado quando eu estava com vinte e seis. Mal consigo lembrar-me de uma época de minha mocidade em que ele não fosse presidente de estaca. Ele administrava uma estaca muito grande e que lhe exigia uma porção de tempo.

Além disso, era editor de jornal, e também nesse setor, havia muitos problemas como prazos rígidos e outros serviços inadiáveis. Recordo-me de que um dia de trabalho de dezessete, dezoito ou dezenove horas não era nada de excepcional para ele. Embora isso pudesse ter criado dificuldades quanto ao relacionamento entre nós e ele, surpreendentemente tal não aconteceu.

Remontando ao passado, a fim de determinar como ele nos mantinha tão achegados, embora virtualmente não tivesse tempo para passar conosco, acredito que tenha sido sua capacidade de integrar-nos em sua vida. Apesar da eterna correria, ele sempre sabia o que estávamos fazendo e mostrava-se vitalmente interessado e se importava conosco. Suas perguntas e comentários demostravam-nos que se orgulhava de nós, interessava-se por nós e seguia nosso caminho, embora nem sempre pudesse estar ao nosso lado.

Recordo-me também de que, por mais cansados que ele e mamãe estivessem, nunca se deitavam antes de estarmos todos em casa. Quando passei a ser o único filho ainda em casa, ele acostumou-se a não fazer a oração familiar antes de eu voltar à noite, mesmo que ele e mamãe já estivessem recolhidos. Nessas ocasiões, papai sempre me designava para oferecer a oração. Posso afirmar que isso teve um forte impacto na maneira em que me conduzia como jovem, sabendo que eu teria que encerrar a noite, orando aos pés da cama de meus pais.

Além disso, tivemos algumas discussões muito profundas durante aquelas calmas e tardias horas noturnas. Ele estava sempre disposto a conversar quando eu queria, não importava a hora. Devo dizer que meu pai foi o melhor homem que já conheci, ainda que não tivesse tido muito tempo para passar comigo.

Revendo o passado, compreendi que, embora o número de horas despendidas com eles seja importante, provavelmente o que pesa mais ainda seja nossa capacidade de integrar os filhos na nossa vida. Se conseguirmos expressar sincero interesse por eles e lhes mostrarmos que **nós** sabemos o que está acontecendo, mesmo que, às vezes, tenhamos que fazê-lo correndo, isto parece-me muito mais importante do que dispor de mais tempo, mas ser um pai que não consegue transmitir seu interesse.

Finalizando, gostaria apenas de mencionar quão preciosamente breve é o tempo para o pai influenciar os filhos. Nos Estados Unidos e Canadá, ao atingir nove anos, um filho já passou aproximadamente metade do tempo que irá viver na casa paterna. Quando atinge dezoito anos, possivelmente estará estudando fora de casa ou iniciando vida própria de outra forma qualquer. Por volta dos dezenove, estará fazendo missão.

Em outros países pelo mundo afora, esse tempo talvez seja ainda mais reduzido.

Outro dia, conversando com um bispo, ele contou-me como sua filhinha de oito anos entrou no quarto e o acordou no meio da noite, para fazer-lhe uma pergunta. Na manhã seguinte, ele procurou explicar à garotinha que era homem muito atarefado, tendo muito trabalho a fazer e necessitava dormir sossegadamente, e que ficaria muito grato, se ela não voltasse a acordá-lo no meio da noite.

A garotinha esperou com paciência e, finalmente, falou em tom quase exasperado: "Está bem, papai, mas o senhor não entende? O senhor é o bispo e eu tinha um problema."

Possamos nós todos, neste sentido, ser o bispo de nosso próprio lar, exatamente como o bispo devidamente autorizado é o pai de sua ala. Gostaria também de que o bispo da ala e os mestres familiares dessem atenção especial às famílias, nas quais o pai está com frequência ou temporariamente ausente.

Possamos tomar o tempo e fazer o que devemos e queremos com nossos filhos **agora**, antes que seja tarde, pois os dias têm uma maneira peculiar de se transformarem rapidamente em meses e depois em anos.

Empenhemo-nos na reformulação e fortalecimento de nossas relações com os filhos e prestemos ainda maior ajuda e liderança às encantadoras mães desta Igreja, ao procurarmos incutir na juventude de nossas famílias os princípios de retidão, verdade, alegria, paz e felicidade, em nome de Jesus Cristo. Amém.

A Época da Joeira

ElRay L. Christiansen

Neste momento, [illegible] em meu coração [illegible] única prece es[illegible] que eu consiga dizer alguma coisa que proporcione segurança e encorajamento àqueles que o necessitem, e que são todos nós.

Estamos vivendo num mundo maravilhoso! Nossa época é esplêndida! Existem tantas pessoas escolhidas, tantas coisas belas, e tantas coisas desejáveis! O simples fato de poder viver uma vida normal e útil já é uma bênção inestimável.

Mas é também uma época em que estão sendo rejeitados certos padrões e princípios verdadeiros de origem divina que, de longa data, haviam sido aceitos e respeitados por muitos. Na verdade, é um dia em que vemos a "angústia das nações, em perplexidade..." (Lucas 21:25)

O Senhor falou de uma época em que "o amor dos homens esfriará, e a iniquidade

abundará". (D&C 45:27) Terá chegado esse tempo?

É assaz perturbador observar a degradação existente hoje em dia. Crimes e contendas são a dieta diária do leitor e ouvinte de noticiários. Crises e violências campeiam pelo mundo afora, e ninguém consegue chegar a uma conclusão satisfatória.

Pois bem, as Escrituras dizem-nos que o demônio "é o fundamento de todas estas coisas; sim, o fundamento do assassínio e das obras de trevas..." (2 Néfi 26:22), e que a "iniquidade do povo era resultante do grande poder que Satanás obtivera sobre ele, até o extremo de induzi-lo a se entregar a toda sorte de iniquidades, enchendo-se de orgulho e tentando-os a buscar poder e autoridade e riquezas e as coisas vãs do mundo". (3 Néfi 6:15)

Tais pessoas "não buscam ao Senhor para estabelecer a sua justiça, mas cada um segue o seu próprio caminho, segundo a imagem do seu próprio Deus, a qual é à semelhança do mundo..." (D&C 1:16)

"E negam o poder de Deus, o Santo de Israel, e dizem ao povo: Escutai-nos e ouvi os nossos preceitos, pois hoje não há Deus, porque o Senhor, o Redentor, acabou a sua obra e deu o seu poder aos homens." (2 Néfi 28:5)

Assim falou o Profeta Néfi há muito, muito tempo, referindo-se aos nossos dias. Contudo, o Dr. James E. Talmage dá-nos a tão necessária segurança com estas palavras:

Entretanto, convém não nos esquecermos de que "em nenhum de seus atos malignos, (Satanás) pode ultrapassar o que as transgressões de sua vítima permitem, ou o que a sabedoria de Deus consente; e o poder superior pode impedi-lo a qualquer momento". **(Regras de Fé,** p. 65)

Alguém então poderia perguntar: "Por que Deus não dá um basta a todos esses atos malignos com o seu poder superior?" O motivo, sem dúvida, é porque Deus decretou ser "necessário que haja uma oposição em todas as coisas..." (2 Néfi 2:11)

O objetivo dessa oposição é permitir-nos avaliar o certo e o errado. Todo homem tem o direito de escolher o rumo de sua própria vida, e o Senhor não lhe negará tal prerrogativa.

Com isto, o Senhor visa dar a todos a oportunidade de se prepararem para o maior dos privilégios de Deus — a vida eterna. O progresso do homem depende, em grande

parte, de sua vontade de manter-se firme e inabalável, especialmente quando se defronta com oposição e adversidade. Entretanto, a ninguém será jamais imposta maior oposição do que é capaz de superar ou suportar. Uns têm que haver-se com enfermidades, alguns com a luxúria, outros com vícios, outros com a inveja ou egoísmo, ou ainda com sofrimentos.

Pensando nisso, lembrei-me das palavras de esperança e anotei-as, conforme me ocorrem, de um antigo e belo hino que gosto de ouvir:

"E quando torrentes tiverdes que passar,
O rio do mal não vos poderá tragar.
Pois ele, que pode a tormentar acalmar...
De todo o perigo, de todo o perigo,
De todo o perigo vos há de salvar. **(Que Firme Alicerce",** n.° 49)

Todos nós temos o direito dado por Deus de aceitar ou rejeitar o bem.

Como disse Paulo: "... Deus... vos não deixará tentar acima do que podeis (superar); antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar." (I Cor. 10:13)

Esta é a época da joeira, uma época em que, mais do que nunca na história do mundo moderno, o adversário e seus sequazes mostram-se como inimigos de Deus. Contudo, como ouvimos o nosso profeta e presidente, dizer hoje de manhã, não devemos temer os ardentes dardos do adversário, pois que cada um de nós tem o poder de evitar as armadilhas do pecado, como jamais foi possível. Chegou a hora de todo membro da Igreja manter-se achegado ao Senhor, de ser firme, apoiando, defendendo e seguindo os conselhos de seus servos divinamente designados, evitando, como diz o Livro de Mórmon, a vaidade, fraqueza e insensatez dos homens. Temos que purificar nossa vida e santificar o nosso lar.

Temos que ensinar nossos filhos a serem leais, obedientes, honestos; a respeitarem a lei (e apreciarem as leis protetoras), a terem apreço por todos os homens, e amarem o Senhor e a sua Igreja. Temos que viver e agir com coragem, esposando e defendendo a verdade e os princípios de Deus, porque, seguir os caprichos, engodos e a filosofia pérfida dos homens, é arriscar perder os bens mais preciosos e desejáveis — paz, liberdade e salvação.

"Sujeitai-vos pois a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.

"Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós..." (Tiago 4:7-8)

O mais seguro continua sendo: "Vem, e segue-me"

Sim, esta é uma época maravilhosa, porque no Evangelho restaurado encontramos a luz de verdade, que, se aplicada, proporcionará paz e serenidade à vida daqueles que assim fizerem. O Senhor fez do mundo um cadinho para nos provar, um lugar de joeiramento, do qual poderão provir as bênçãos de uma vida feliz aqui e uma vida gloriosa no além!

"Bendito o varão que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor." (Jer. 17:7)

Ele proporcionou-nos os ingredientes para uma vida afortunada: seu Evangelho como um plano perfeito para a felicidade e sucesso de todos os que o viverem — a Igreja com seus líderes inspirados, e os sussurros do Espírito Santo para nos guiar e advertir.

Todos nós temos tudo isto em muito maior extensão do que jamais houve na história do homem. Por isso, estamos vivendo numa época sem igual. Asseguremo-nos de estar progredindo como deveríamos; de que estamos "a bordo do navio certo", por assim dizer! Porque este navio, a Igreja, nunca há de sossobrar.

"As obras, os desígnios e os propósitos de Deus não podem ser frustrados, nem podem fracassar.

"Pois Deus não anda por sendas tortuosas, nem se volta à direita ou à esquerda, nem se desvia daquilo que falou; portanto, suas veredas são retas, e o seu caminho, um círculo eterno.

"Lembra-te, lembra-te de que não é a obra de Deus que se frustra, mas a dos homens." (D&C 3:1-3)

Finalizo com esta promessa do rei Benjamim:

"E, ainda mais, quisera que considerásseis o estado feliz e abençoado daqueles que guardam os mandamentos de Deus. Porque, eis que são abençoados em tudo, tanto corporal como espiritualmente; e, se eles se conservarem fiéis até o fim, serão recebidos no céu, para habitar com Deus, em um estado de alegria sem fim. Oh, lembrai-vos, lembrai-vos de que estas coisas são verdadeiras, pois que o Senhor Deus as declarou." (Mosiah 2:41)

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Sacrifício Continua Produzindo Bênçãos

Presidente Hartman Rector Jr.

Do Primeiro Conselho dos Setenta

No outono passado, o Senhor anunciou, por intermédio de seu profeta, que a Igreja deveria realizar as reuniões familiares nas noites de segunda-feira. É interessante que quase na mesma época, o **outro** lado anunciou a programação de partidas de futebol profissional também às segundas-feiras à noite. E surpreendentemente quantas famílias SUD tentaram encaixar a reunião familiar no intervalo entre os dois tempos das partidas! Naturalmente que isto é impossível. Parece que o pedido do profeta exigia um sacrifício grande demais.

Na seção 4 de Doutrina e Convênios, o Senhor estabelece as qualificações para os trabalhos do ministério. Diz ele que são "a fé, a esperança, a caridade e o amor, com os olhos fitos na glória de Deus". Da fé, esperança, caridade e amor sabemos alguma coisa. Eles são muito importantes. Porém, os olhos fitos na glória de Deus são, provavelmente, a mais importante dessas qualificações. Falando de modo geral, "olhos fitos na glória de Deus" quer dizer sacrifício. Significa que, em lugar de fazer continuamente o que o Senhor deseja que façamos, além de fazê-lo à maneira dele e quando ele achar oportuno. Isto, sem dúvida, não é a inclinação natural do homem.

No mundo de hoje, fala-se muito em "seguir a própria vontade". Duvido que isto seja realmente novo. Acho que vem sendo feito desde o princípio dos tempos. Talvez seja apenas um modo diferente de dizê-lo. Lúcifer certamente fez o que quis, contrariando a vontade do Senhor. Caim também contrariou frontalmente o conselho de seu Pai Celestial. Eles não se preocuparam com o que o Senhor queria que fizessem; pelo contrário, apenas com o que eles próprios queriam. Naturalmente, esse tipo de conduta nunca foi muito proveitoso em termos de felicidade, e este é o único propósito da existência do homem. A declaração do Profeta Léhi de que "os homens existem, para que tenham alegria" (2 Néfi 2:25) diz tudo.

Por outro lado, Deus mandou que Abraão sacrificasse Isaque, seu "único" filho, em holocausto ao Senhor. Suponho que Abraão não poderia ter recebido mandamento mais penoso do Pai Celestial. Mas, ainda assim, imediatamente tomou seu filho e a lenha necessária, e partiu para o lugar designado. Não se deixou desviar de seu curso, até que surgiu um anjo para sustar sua mão. E qual foi a recompensa desse seu ato? Ouvi o que o Senhor falou a Abraão: "... Porquanto fizeste esta ação, e não me negaste o teu filho, o teu único.

"Que deveras te abençoarei, e grandissimamente multiplicarei a tua semente como as estrelas dos céus, e como a areia que está na praia do mar...

"E em tua semente serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeceste à minha voz."

Jesus, nosso Senhor e Mestre, foi o maior de todos os exemplos de obediência aos mandamentos do Pai. Suponho jamais ter havido algo parecido com sua imensa agonia no Getsêmani, e nem pode ser igualada pelo homem. Orando no Getsêmani, ele dizia: "Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres." (Mateus 26:39) O Mestre não queria sofrer o que o esperava, mesmo sabendo ser o principal propósito de sua vinda à terra — entretanto fez o que o Pai lhe pedira, e por causa disso, recebeu "todo o poder no céu e na terra" (Mateus 28:18) e tornou-se, como registra Paulo, o "autor e consumador da fé. (Hebreus 12:2) E todos os que o aceitam, passam a ser seus filhos e filhas.

E como isto aconteceu? Foi possível somente através de sacrifício. O verdadeiro sacrifício traz as bênçãos dos céus.

Como e por que isso acontece, porém, parece difícil de entender, e talvez raras pessoas o compreendam realmente. É possível que seja este o motivo de tão poucos homens estarem dispostos a fazer o sacrifício requerido, a fim de que o trabalho do Senhor tenha pleno êxito.

Em sua sexta preleção sobre a fé, o Profeta Joseph Smith provavelmente faz o maior pronunciamento

existente a respeito desse assunto vital. Diz ele: "O conhecimento positivo de que o rumo da vida seguido por uma pessoa está de acordo com a vontade de Deus, é-lhe essencialmente necessário, para capacitá-la a ter em Deus aquela plena confiança, sem a qual ninguém pode obter a vida eterna... e a não ser que tenha o conhecimento positivo de que o rumo seguido está de acordo com a vontade de Deus, ir-se-á enfraquecendo e desfalecerá... Foi através desse sacrifício, e somente esse, que Deus ordenou que o homem goze vida eterna; e é por meio do sacrifício de todos os bens terrenos, que os homens realmente sabem que estão fazendo as coisas agradáveis à vista de Deus...

"Foi oferecendo sacrifícios que Abel, o primeiro mártir, obteve o conhecimento de que fora aceito por Deus. E desde os dias do justo Abel até a época presente, o conhecimento do homem de que é aceito à vista de Deus, é obtido oferecendo sacrifício.

"É em vão imaginarem-se as pessoas herdeiros, ou que possam sê-lo, com aqueles que ofereceram tudo de seu em sacrifício, e por este meio, obtiveram fé em Deus e favor diante dele, de modo a ganhar vida eterna, a não ser que elas igualmente lhe ofereçam o mesmo sacrifício, e através dessa oferta, obtenham o conhecimento de que são aceitos por ele.

"Aqueles, então, que fazem o sa-

crifício, terão o testemunho de que seu curso é agradável à vista de Deus...

"Mas os que não fizeram esse sacrifício a Deus, não sabem que o curso que seguem é agradável à vista dele; pois seja qual for a sua crença ou opinião, é motivo de dúvida e incerteza em sua mente; e onde há dúvida e incerteza, não existe fé, nem pode existir. Porque dúvida e fé não coexistem na mesma pessoa ao mesmo tempo; de modo que pessoas, cuja mente está sob dúvidas e temores, não podem ter confiança inabalável; e onde não há confiança inabalável, a fé torna-se fraca; e quando a fé se torna fraca, as pessoas não serão capazes de contender com toda oposição, tribulações e aflições com as quais terão que se haver, a fim de serem herdeiros de Deus e co-herdeiros com Jesus Cristo; e tornar-se-ão mentalmente fracas, e o adversário terá poder sobre elas e as destruirá." **(Lectures on Faith,** ed. 1891, 6:2, 4, 7, 8, 9, 10, 12)

Isto mostra que o sacrifício, não importa quão desagradável possa ser, é absolutamente vital, pois é o único meio providenciado pelo Senhor para seus filhos adquirirem a fé e a confiança necessárias para retornarem vitoriosos à sua presença, em condições de gozarem vida eterna.

Pois bem, o que seria um sacrifício hoje em dia? Geralmente, quando ouvimos a palavra sacrifício, pensamos em holocaustos ou alguém dar a vida pelo próximo como o Mestre fez por todos nós. São exemplos válidos, mas, sem dúvida, existem alguns sacrifícios bem modernos instituídos pelo Senhor, para abençoar seus filhos hoje em dia. Entre eles, poder-se-iam incluir:

Pagar o dízimo numa época em que os preços sobem acelerada e alarmantemente, e a inflação parece tornar-se desenfreada.

Guardar a Palavra de Sabedoria, quando o uso de estimulantes de todo tipo é quase que a norma geral em nosso e outros países do mundo.

Viver moralmente limpo e casto, quando estes princípios são escarnecidos em toda banca de jornais e quase na totalidade dos filmes.

Cumprir uma missão, quando isto representa interromper os estudos de nossos rapazes e moças, e às vezes uma prematura convocação ao serviço militar.

Tempos atrás, entrevistando um jovem de dezenove anos a respeito de uma eventual missão, quando argumentei que este era o caminho que o Senhor desejava que tomasse, ele respondeu: "Mas, Élder Rector, para isso eu teria que abandonar a escola." Eu disse: "Sim, é verdade, mas o mesmo fizeram os doze moços que trabalham como missionários na sua estaca e trouxeram para a Igreja alguns de seus amigos."

Realizar a reunião familiar pode parecer sacrifício, quando, entre miríades de outras distrações, um time profissional compete pela primeira vez na segunda-feira à noite.

Sim, meus irmãos e irmãs, o sacrifício é hoje uma parte tão integrante das providências de Deus como sempre o foi. E sacrifícios continuam produzindo as bênçãos dos céus. Sem eles, não há bênçãos, embora fazê-los unicamente para ganhá-las, também não é o certo. O serviço deve ser prestado por amor ao Senhor e a seus filhos.

Possamos nós servir com os olhos fitos na glória de Deus e fazer o que o Senhor deseja que façamos, em lugar de sempre realizar o que queremos, e possamos agir assim por amor ao Senhor.

Eu sou testemunha de que Deus vive. Eu sei que ele vive e que escuta e atende nossas preces, pois ele tem-me ouvido e respondido a meus apelos. Presto-vos meu testemunho de que Jesus é o Cristo e que ele vive. Eu sei que ele vive, que restabeleceu a sua Igreja sobre a terra em nossos dias e época, através do grande Profeta Joseph Smith, um homem maravilhoso; que temos um profeta de Deus aqui na terra hoje, o Presidente Joseph Fielding Smith, a quem ouvistes hoje pela manhã; que esta é a Igreja e o reino de Deus; que nesta Igreja, as decisões são tomadas por revelação sob a direção de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, de quem a Igreja realmente é. Presto-vos este testemunho com toda seriedade, em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Gosto pelo Trabalho

Wendell J. Ashton

Na semana passada, minha mulher, Belva, e eu tinhamos combinado apanhar outro casal para levá-los a uma recepção e jantar em outra cidade, distante setenta e dois quilômetros. Pouco antes da hora combinada, telefonaram-nos, avisando que iriam atrasar-se: "Houve pane nas impressoras do jornal e com isso, haverá uma demora na entrega dos jornais dos nossos garotos," explicou o pai. "Temos que esperar a chegada dos jornais para pegá-los com o carro, a fim de que os meninos possam distribuí-los. Avisá-los-ei, assim que soubermos da chegada dos jornais onde costumamos pegá-los."

A princípio, suas palavras foram um tanto exasperantes. Mas, quando chegamos à sua casa e vimos os três garotos (o menor tinha oito anos) atarefados, preparando jornais para a entrega, nossos sentimentos se transformaram em admiração.

Aqueles pais haviam dado prioridade às coisas mais importantes: os filhos e o trabalho deles.

O pai é um próspero homem de negócios, sendo formado em engenharia e direito, e um ex-presidente de estaca. A mãe é presidente da Sociedade de Socorro da estaca. Mas para mim, o mais importante é que eles têm ensinado aos nove filhos desde cedo o gosto pelo trabalho.

A vida desses filhos, sem dúvida, será mais feliz e sadia por terem aprendido a amar o trabalho em tenra idade.

Outro dia, li num jornal de Miami, a reportagem de uma entrevista com um velho pastor, cuja idade consta ser de cento e sessenta e cinco anos, chamado Shirali Mislimov. Ele nasceu e passou a vida inteira nas montanhas do Cáucaso, naquela região entre o Mar Negro e o Mar Cáspio em que se encontram as fronteiras da Turquia, Rússia e do Irã. Essas montanhas elevam-se a mais de cinco mil metros e têm numerosos passos, a mais de três mil metros, alguns cruzados por estradas.

Mislimov ainda corta lenha. "Estou convencido de que um ocioso não vive muito. "declarou ao reporter. Ele mora em Bárzavu, a mais de mil e oitocentos metros acima do nível do mar, em Azerbaidjão, república socialista da Rússia.

Dizia o artigo que o velho "ainda revolve a terra em redor das árvores de um pomar, que replantou várias vezes durante a sua vida".

"Trabalho constante, o clima da montanha e uma alimentação frugal ajudaram-me a alcançar esta idade avançada", afirmou Mislimov, que não bebe nem fuma e se alimenta unicamente de caldo de galinha, queijo e um tipo de leite coalhado chamado **airan.**

Matusalém é conhecido na história humana como a pessoa que alcançou idade mais avançada. Contudo além de dizer que ele morreu aos novecentos e sessenta e nove anos, a Bíblia pouco fala a respeito dele. Em Gênesis, lemos que seu neto Noé quase que atingiu a mesma idade do avô — novecentos e cinquenta anos — e conta-nos muito mais sobre ele, o profeta que "andava com Deus". (Gên. 6:9)

Noé parece ter nascido para trabalhar. Seu pai, Lameque, deu-lhe o nome de Noé, dizendo: "Este nos consolará acerca de nossas obras, e do trabalho de nossas mãos, por causa da terra que o Senhor amaldiçoou." (Gên. 5:29)

Noé era construtor e tinha seiscentos anos, quando terminou a arca e sobreveio o dilúvio.

O comentário de Lameque de que Deus havia amaldiçoado a terra faz lembrar as palavras do Senhor a Adão: "... maldita é a terra por causa de ti..." (Gên. 3:17) Em seguida, acrescentou: "No suor do teu rosto comerás o teu pão..." (Gên. 3:19)

O Senhor não amaldiçoou Adão. Amaldiçoou a terra **"por causa de ti"** Pelas eras afora, o homem tem colhido mais do que pão com suor do seu rosto. Colheu felicidade.

Biscarck, o poderoso estadista prussiano, disse certa vez: "Para a juventude, tenho somente três palavras de conselho: trabalho, trabalho, trabalho."

Que visão agradável observar aqueles três irmãos, dobrando seus jornais ao entardecer. Podem não vir a ser um Noé, mas a vida deles será mais plena e bela, e seus anos do ocaso mais prolongados e radiantes, porque pais sábios e amorosos cedo lhes ensinaram o gosto pelo trabalho.

"Servi Um ao Outro com Amor"

Presidente S. Dilworth Young

Do Primeiro Conselho dos Setenta

É meu desejo ser guiado pelo Espírito do Senhor no que vou falar. As alas e ramos da Igreja foram organizados para dar ocupação a grande número de membros, na verdade à grande maioria. Contudo, há muitos deles sem cargo oficial ou nenhuma responsabilidade específica que os faça atuar formalmente para a organização. Eles fazem parte da Igreja; fazem parte da estaca; fazem parte da ala. São convidados a frequentar diversas reuniões e aulas destinadas à sua instrução, mas no final das reuniões, vão para casa, sem qualquer designação especial para incentivá-los a uma atividade organizada. Muitos deles acham que estão sendo excluídos, que seus talentos são ignorados. Outros não desejam aceitar qualquer chamado de responsabilidade.

Isto talvez ocorra, por não entenderem sua responsabilidade para com a Igreja de Jesus Cristo. Todos nós temos o mesmo chamado geral. Todos nós temos a mesma responsabilidade decorrente da entrada nas águas do batismo e celebração do convênio. O Senhor não nos terá por inocentes, se admitirmos que a responsabilidade organizacional, ou a falta dela, interfira nesse chamado especial. Permiti que vos aponte algumas obrigações necessárias nas palavras dos profetas.

Jeremias falou a um povo rebelde e recalcitrante: "... não oprimais ao estrangeiro (talvez fosse preciso dizê-lo naquele tempo), nem ao órfão, nem à viúva." (Jeremias 22:3)

De um rei, disse ele, aprovadoramente: "Julgo a causa do aflito e do necessitado; então lhe sucedeu bem; porventura não é isto conhece-me? diz o Senhor." (Jeremias 22:16)

Estas mesmas coisas foram reiteradas pelo Senhor, por intermédio de Miquéias, quando este falou ao povo que o que dele se requeria era "que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus." (Miquéias 6:8)

Paulo disse aos santos que fossem bondosos, misericordiosos e caridosos entre si e perdoassem uns aos outros. (Efésios 4:32)

Alma foi um pouco mais explícito. Incentivou o povo a clamar ao Senhor em tudo o que faziam, pela proteção de seus bens e pelo bem-estar deles próprios e de seus semelhantes. Deviam manter uma constante atitude de oração por tudo o que possuíam e por tudo o que eram. Depois, acrescentou: "... eis que vos digo que isto ainda não é tudo; porque, depois de haverdes praticado tudo isso, se ne-

gardes ao necessitado e ao despido, e não visitardes os aflitos e doentes, nem repartirdes o vosso sustento, se o tendes, com os que necessitam, eu vos digo, se não praticardes nenhuma destas coisas, eis que vossas orações serão baldadas e de nada vos valerão, e sereis como os hipócritas que negam a fé.

"Portanto, se não vos lembrardes de praticar a caridade, sereis como a escória que se põe fora (por não ter valor algum), e que é pisada pelos pés dos homens." (Alma 34: 28-29)

As revelações dadas a Joseph Smith sobre este assunto são numerosas, e encontram se entre as primeiras. Cuidar dos pobres é uma das primordiais obrigações. Ajudar os necessitados e os enlutados vem logo a seguir. Todos nós dispomos de algum tempo, porém os que não têm grandes responsabilidades nas organizações, dispõem de mais tempo para cuidar dos pobres, necessitados e desamparados.

E essa ajuda é tão necessária. Por toda a parte, existem os que precisam de incentivo, assistência e auxílio — um auxílio que todos nós podemos prestar, não dinheiro, mas tempo, atenção e encorajamento pessoal, especialmente àqueles obrigados a arcar com pesadas responsabilidades por entes queridos, e que não podem ser compartilhadas com outros, pela simples razão de não haver ninguém a quem passá-las.

Que grande alívio para uma jovem mãe com um filho doente, se alguém lhe der alguma ajuda. Um pouco de tempo, não apenas uma visitinha de cinco minutos, mas ficar por uma hora lendo, ajudando, alimentando, distraindo — isto fará uma diferença enorme. Tal necessidade será encontrada em muitas casas.

Certa ocasião, quando tinha aos meus cuidados uma pessoa inválida, uma boa irmã me disse: "Irei à sua casa todas as noites de sexta-feira, e ficarei das seis às dez. Pode contar comigo; portanto, prepare-se para sair às seis e espairecer por quatro horas." Que grande bênção ela foi para mim! Quão bondosa! Ela foi uma bênção tanto para mim como para a inválida, trazendo-lhe novo animo, novo sorriso, novas idéias.

Existem muitas pessoas solitárias, gente que esconde sua solidão. Devemos descobri-las e confortá-las. Há os que sentem-se rejeitados, que precisam ser edificados espiritualmente e auxiliados a encontrarem-se a si próprios. Há moças solteiras vivendo longe de casa, achando que ninguém se importa com elas. Há os espiritualmente perturbados. Ocorre-me que, ocasionalmente, a reunião familiar poderia ser programada para convidar alguém que viva só, alguém temeroso, alguém desacorçoado, alguém com problemas espirituais.

Conheço uma excepcional irmã com importante designação na Igreja, porém sem nenhuma responsabilidade na ala. Todas as semanas, ela saía da Escola Dominical e reunião sacramental, sentindo-se totalmente alheia ao programa. Então, deu-se conta de uma irmã que, tendo sido criada sem conhecimento algum do Evangelho, aos domingos chegava até à porta da capela, mas não tinha coragem de entrar, e assim voltava para casa. Ajudou-a a integrar-se e expandir sua alma. Depois, notou um senhor, um quase-membro não batizado, e conseguiu mudar seu ponto de vista a respeito de filiar-se à Igreja. Observou diversas moças sem objetivo, e incutiu-lhes o desejo de se tornarem o que poderiam vir a ser. Interessou-se pelas pessoas idosas, e incentivou os rapazes que se avizinhavam da idade de fazer missão. Subitamente, viu-se desempenhando importante papel na ala, não por uma designação do bispo, mas simplesmente cumprindo a lei que nos ordena sermos o guardador de nosso irmão. ["... sou eu guardador do meu irmão?" (Gen. 4:9)]

Podemos estar certos de que, numa casa com muitas crianças ou pessoa inválida ou idosa, é quase impossível que não precisem de ajuda. Oh, irmãos, não desanimeis, se não tendes um cargo executivo ou letivo. Ocupai-vos zelosamente numa boa causa e fazei muito espontaneamente. Podereis acercar-vos mais do céu pela ajuda discreta que prestais aos carentes de consolo, auxílio e atenção. Talvez não vos sintais importantes para a organização, mas os anjos estarão sorrindo ao anotar as horas de serviço compassivo da Igreja, dedicadas àqueles a quem o Senhor quer bem e por quem ele próprio se empenhou — os pobres, oprimidos, necessitados, enfermos, desalentados.

Todos nós somos trabalhadores na Igreja; tanto aos com designações específicas como aos demais, é requerido por revelação que, no dia santificado, ofereçam suas oblações na casa de oração. Ali renovamos a promessa de nos lembrarmos daquele que é o nosso Salvador e de guardar seus mandamentos, o segundo dos quais é amar o próximo como a si mesmo. Tendo celebrado esse convênio, temos a responsabilidade de procurar diligentemente demonstrar esse amor através de nossas obras.

Os irmãos sem designações na ala dispõem de mais tempo para dedicar-se a esse grande trabalho de salvar almas. Não nos recolhamos na inveja por aqueles engajados nos trabalhos da estaca, ala, auxiliares, mas busquemos nossa salvação onde o Senhor nos colocou, entre aqueles que, por fraqueza espiritual, orgânica ou da vontade, precisam ser encorajados, engrandecidos no reino de Deus aqui na terra.

Sei que os mestres familiares são responsáveis por tais necessidades, mas, frequentemente, quem os recebe procura ocultá-las. Sei que há professoras visitantes, porém ainda existem pessoas que não lhes contam suas dificuldades. Sei que o Sacerdócio deve estar atento, mas essa responsabilidade transcende às funções sacerdotais organizadas. É uma obrigação pessoal que alma vivente alguma que ame ao Senhor pode menosprezar. É uma obrigação para a qual devemos estar constantemente atentos.

Esse próximo necessitado pode ser nosso vizinho, ou mesmo um não membro da Igreja. É qualquer pessoa que precise de nós. Não sei de ninguém que esteja isento da responsabilidade constante de auxiliar e prestar encorajamento pessoal àqueles que nunca comunicam suas dificuldades ao bispo, mas que, a despeito do orgulho e mesmo de meios, tem grande necessidade da ajuda, da compreensão e do amor que todos nós podemos dar-lhes como indivíduos.

Isso faz eco ao que falou Tiago: "A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo." (Tiago 1:27)

Uma última palavra do Senhor dirigida a nós nos dias de hoje: "E em todas as coisas lembrai-vos dos pobres e necessitados, dos doentes e aflitos, pois aquele que não faz essas coisas, o mesmo não é meu discípulo." (D&C 52:40)

Eu sei que Jesus Cristo vive, e que seu Santo Pai também vive. Apóio de todo o coração o Presidente Joseph Fielding Smith como o profeta vivente. Sou sabedor também das bênçãos concedidas tanto ao que dá, quanto ao que recebe, quando se obedece à injunção de que o caminho para amar ao Senhor é amar ao próximo. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

A Sopa de Seixo

Leone Castell Anderson

O **velho estava parado junto à porta.** Sua roupa estava gasta e puída, porém tinha cabelo e barba cuidadosamente penteados.

— Um pouco de comida? — perguntava a dona da casa asperamente. — Não temos nem o bastante para nós, quanto mais para mendigos.

Antes de conseguir bater a porta na cara do velho, ele voltou a falar.

— Quem sabe eu possa ajudar.

— Ajudar? Ajudar como? Não nos resta nada além de um osso e umas sobras disso e daquilo. Olga, Catarina, vão pegar o que sobrou na despensa.

Pedro

Apontando para o punhado de legumes que as garotas trouxeram e largaram na mesa, ela continuou:

— Está vendo? Umas duas cenouras e algumas batatas e cebolas. Como alguém poderia com isto saciar cinco crianças famintas? O pai delas saiu de casa para conseguir suprimentos, mas ainda não voltou. Não, — prosseguiu, — você não pode ajudar-nos.

— Tudo o que peço é um caldeirão de água e fogo para cozinhar, — respondeu o velho. — E com auxílio do meu seixo mágico, teremos uma sopa de seixo.

— Sopa de seixo! — A mãe reencontrou sua voz. — Essa ainda estou para provar.

O velho ergueu a mão, dizendo:

— Peço-lhe um único favor. Permita que me sente à mesa junto do fogo, e depois deixe que as crianças me observem, uma de cada vez.

Pedro, sendo o mais velho, foi o primeiro. Não viu nada além de água começando a borbulhar na beirada da panela.

— Em você há substância, — falou o velho. — É muito importante, pois precisam de você aqui. A sua força dará força aos outros também.

O ancião parecia estar falando com o osso que pegou da mesa, mas o que dizia tinha sentido para Pedro.

Ele tem razão, refletiu Pedro. **Com papai fora de casa e eu sendo o mais velho, mamãe precisa de mim e da minha força.** Saiu correndo para pegar mais lenha, sem ser mandado. Depois, começou a empilhar os cavacos cuidadosamente na caixa de lenha. O velho largou o osso dentro do caldeirão.

Era a vez de Catarina. Seu lindo rostinho era enfeado por uma expressão amuada, e agitou o belo cabelo ruivo com gesto de enfado.

— Ah-h, — falou o velho, — aqui temos algo excelente. Saudável e de pele lisa. Você dá alegria a tudo o que fizer.

Ele está falando com a cenoura, admirou-se Catarina, **ou seria comigo?** Seu rosto iluminou-se, desfazendo o amuo. Até que o velho não era tão tolo quanto pensara. Voltou-se e correu para junto do Nélson, o caçula, que segurou e fez rodopiar alegremente em torno de si. Realmente, não fazia questão de vigiá-lo para a mãe. E o velho jogou o punhado de cenouras na panela.

Érico, o terceiro, foi precedido por gritaria. Ao passar, aproveitou para dar um puxão de orelha em Pedro, outro nos cabelos de Catarina, um empurrão em Nélson e cutucar as costas de Olga.

— Você é cheio de vida, — murmurou o velho. — É impossível não dar por você, pois que sempre se faz notar.

Depois, enquanto tirava a pele da cebola, acrescentou:

— Sei que não deseja fazer ninguém chorar.

Érico sabia que se dava o mesmo com ele. Sentindo os olhos lacrimejarem devido à forte exalação da cebola, pensou nas lágrimas provocadas por suas provocações. Viu Pedro esfregando ainda sua orelha dolorida e foi ajudá-lo a empilhar a lenha. O ancião acabou de pelar as cebolas e meteu-as no caldeirão.

Ele parecia não reparar em Olga, a menor das meninas, ou na sua aparência comum. Apenas balançou a cabeça e falou, como que com a batata em sua mão:

— Muitas vezes uma aparência comum esconde muita coisa boa e doce.

Os olhos de Olga iluminaram-se. Se aquele velho conseguia enxergar tais qualidades nela, talvez os outros também. Estava envergonhada de invejar a beleza de Catarina, e foi procurar a irmã com um sorriso e uma palavra gentil. E o velho continuou a descascar as ba-

tatas, partiu-as em pedaços e as deixou cair no caldo borbulhante.

Era a vez de Nelson, mas este hesitava. Ele tinha um pouco de medo do velho. **Todos acham que ainda sou bebe. Não sirvo para nada.** O ancião acenou-lhe que viesse e falou-lhe diretamente:

— Estou certo de que você saberá responder. O que é que a mamãe costuma botar na panela, quando está preparando alguma coisa gostosa para o jantar?

Nélson pensou um pouco e depois arriscou: — Sal? Acho que sim. É sim, é sal mesmo.

Estendendo o braço, apanhou o sal, entregando-o ao velho.

— Pela resposta certa, vou deixá-lo provar a sopa. — Falou o velho.

Nélson aprumou-se. Se soube dar a resposta certa, então já não era um bebe. E ainda seria o primeiro a provar a sopa mágica de seixo.

tes e, ao mesmo tempo, dar-lhe um certo quê próprio de si.

A mãe olhou para ele, quando falou assim, pois bem sabia ter uma língua picante como a pimenta. O velho, porém, apenas balançava a cabeça, dizendo:

— Está pronta.

Então, todos sentaram-se em volta da mesa, o velho ocupando o lugar de honra. A mãe serviu a cada um generosa porção da sopa fumegante.

Tinham justamente acabado de comer, quando a porta se abriu, deixando ver o pai que chegava com um saco de suprimentos às costas.

— Houve uma enchente, — começou a explicar sua demora. Mas todo mundo se apinhou em torno dele, para cumprimentá-lo e contar-lhe logo a mágica do visitante.

— É mesmo? — perguntou o pai. — Pois gostaria de provar essa tal 'sopa de seixo'.

Depois de haver tomado a primeira tigela,

Nisto, apareceu a mãe, farejando o ar.

— Tem cheirinho de sopa, — disse um tanto duvidosa.

— Tenha a bondade de experimentá-la, e diga-me se falta alguma coisa, — pediu o ancião.

Ela provou da grande colher de pau e soltou uns grunhidos de aprovação. Depois, sem refletir, pegou da mesa o vidro de pimenta e temperou o caldo.

— Isso mesmo, isso mesmo, um pouco de pimenta para realçar o paladar dos ingredien-

pediu mais um pouco.

— Agora acabou, — disse a mãe, despejando o resto da panela. Depois, voltando-se para o velho, exclamou:

— E o seixo, o seu seixo mágico! Não está aqui na panela!

O velho, levantando-se, caminhou para a porta. Então, voltou-se e sorriu.

— Amigos, a gente não pode vê-lo. Apenas sabe que está ali. Eu o chamo de amor, e ele realmente faz grandes milagres.

E o velho saiu pela porta e foi embora, deixando ali a mágica do amor.

Uma história do Livro de Mórmon contada por Mabel Jones Gabbott/ Ilustrações de Gary Kapp.

ABINADI

— **Quem é Abinadi,** — bradou o malvado Rei Noé, — para que eu e meu povo sejamos julgados por ele, ou quem é o Senhor, para trazer sobre o meu povo tão grandes aflições? Ordeno-vos que me tragais Abinadi; para que o possa matar.

Abinadi era homem justo e um profeta do Senhor. Ele observava as coisas malvadas que o Rei Noé fazia. Vira como explorava e roubava o povo, para financiar elegantes palácios. Porém, o que o entristecia, acima de tudo, era saber o quanto o povo era iníquo e ímpio como seu rei.

Depois que o Senhor mandou Abinadi voltar e dizer ao povo que se arrependesse de sua iniquidade, porque, do contrário, os visitaria em ira, Abinadi rogou-lhes que dessem atenção às suas palavras. Mas eles estavam acostumados a seguir o Rei Noé há tanto tempo, que se zangaram e foram correndo comunicar ao rei que Abinadi havia ameaçado com grandes punições para o rei, os sacerdotes e o povo. O Rei Noé irou-se e ordenou que lhe trouxessem Abinadi.

Abinadi, porém, conseguiu escapar, e não pode ser achado. Depois de manter-se escondido por dois anos, disfarçou-se para não ser reconhecido, e voltou ao meio do povo. O Senhor disse-lhe o que devia falar, e Abinadi advertiu o povo de que, em virtude de suas maldades, eles seriam levados em cativeiro e assassinados, e sua carne seria devorada por animais selvagens.

O povo novamente zangou-se com ele, e seguindo-o, prendeu-o e o levou diante do rei, que ordenou fosse lançado na prisão. Depois, convocou todos os seus sacerdotes para, juntos, interrogarem Abinadi e decidir o que fariam com esse homem que tão audaciosamente falava contra eles e o próprio soberano.

Os sacerdotes interrogaram o prisioneiro, tentando fazer com que negasse a verdade. Pediram-lhe que explicasse certas passagens das Escrituras que costumavam ensinar. Abinadi respondeu que eles não deviam intitular-se sacerdotes, procurando ensinar se não entendiam aquilo.

— Não haveis aplicado vossos corações para compreender; portanto, não haveis sido sábios, — disse ele. Os sacerdotes procuraram deitar-lhe as mãos, mas Abinadi advertiu-os:

— Não me toqueis, pois Deus vos ferirá, se deitardes as mãos sobre mim, porque ainda não comuniquei a mensagem que o Senhor me ordenou.

Estas palavras assustaram os sacerdotes, pois viam que o Espírito do Senhor estava com Abinadi; seu rosto tinha um brilho extraordinário e ele falava com grande poder.

Por longo tempo, o rei e seus sacerdotes ficaram escutando a importante mensagem de Abinadi. Ele falou-lhes de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que viria à terra para viver entre o povo. Disse que Jesus Cristo seria crucificado, mas que sua morte se tornaria uma vitória, porque ele voltaria a viver.

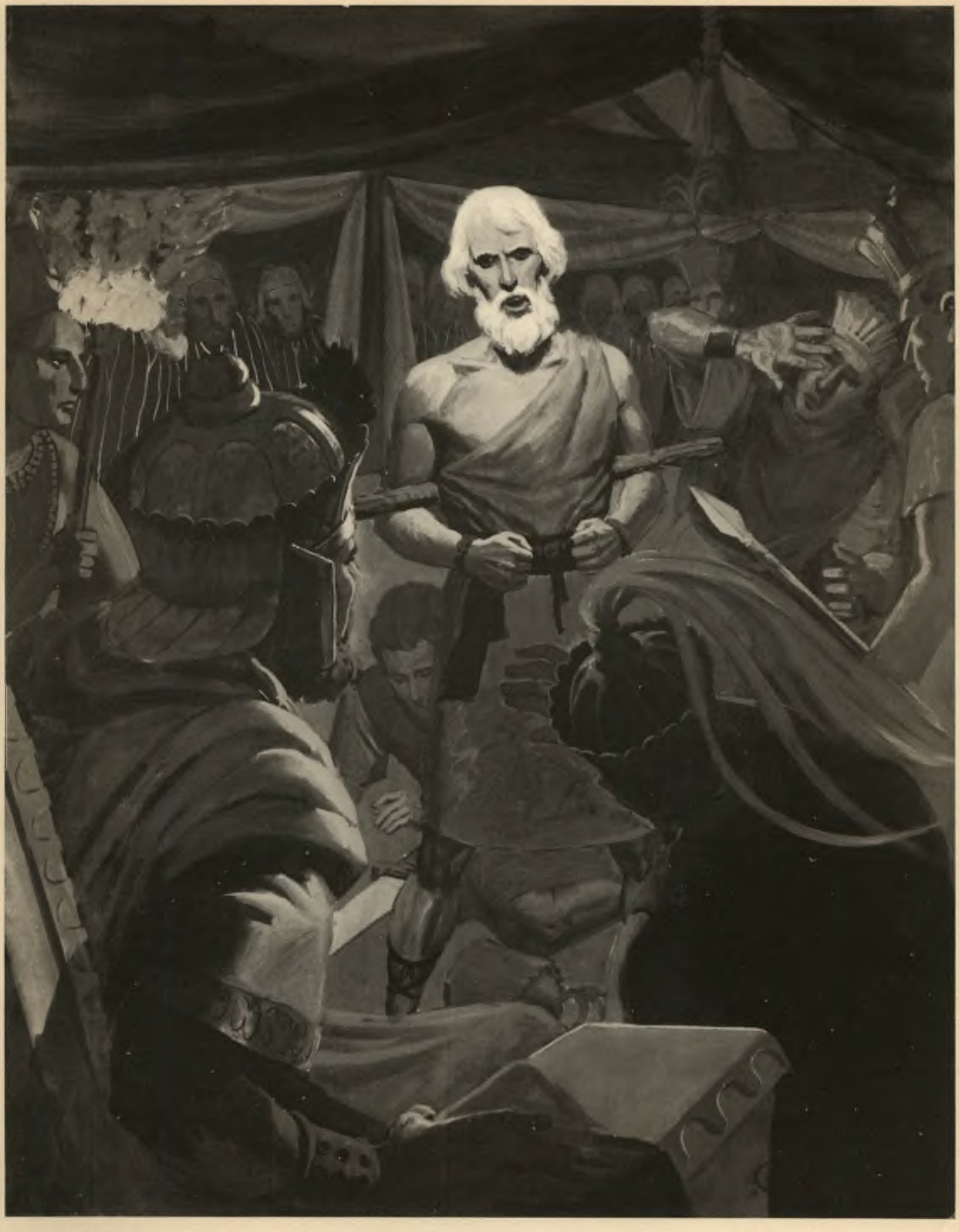
Depois de ter acabado de falar, Abinadi foi amarrado e lançado na prisão, sendo sentenciado à morte, a não ser que desmentisse tudo o que dissera. Abinadi respondeu:

— Morrerei, mas não retratarei minhas palavras, pois são a verdade e elas servirão de testemunho contra vós. Se me matardes, estareis derramando sangue inocente.

O Rei Noé começou a temer que os julgamentos de Deus caíssem sobre ele, porém os sacerdotes queriam ver Abinadi morto. Finalmente, o rei consentiu que o matassem. Então os sacerdotes o flagelaram com tochas, até à morte. Mas, mesmo quando as chamas começaram a queimá-lo, Abinadi falou:

— Assim como haveis feito comigo, acontecerá a vós. Ó Deus, recebe a minha alma.

E tendo Abinadi falado estas palavras, tombou, morto pelo fogo, por não querer negar os mandamentos de Deus. E assim selou a verdade de suas palavras com a morte.



O Estalar do Chicote

Mary Pratt Parrish

Tommy e Betsy estavam justamente esfregando a louça do desjejum com a branca areia do riacho, quando ouviram Brigham Young chamando os santos para o centro do campo. Mal tiveram tempo de enxaguar os pratos na água quente preparada pela mãe, antes de os cinco mil componentes do acampamento de **Sugar Creek** se reunirem para ouvir o que Brigham Young, seu líder, tinha a comunicar-lhes. Sua mensagem foi breve:

— Proponho que prossigamos em nossa jornada. Quem concordar, siga-me.

Tommy ficou radiante. Agarrou as mãos de Betsy e fê-la rodopiar com ele, gritando:

— Nós vamos para o Oeste! Afinal, estamos indo para o Oeste!

Repentinamente, estacou e disse:

— Mas nós não podemos ir agora! Papai não está aqui...

Enfim, deram o sinal. No mesmo instante, a banda pôs-se a tocar, e com uma sacudidela de rédeas e o estalar do chicote, o carroção de Tommy se pôs em movimento

A mãe percebeu o desapontamento em sua face.

— Papai, provavelmente, estará de volta até o meio-dia de amanhã, — disse ele. — Ele esperava terminar seu trabalho em **St. Joseph** ainda hoje, e se deixarmos tudo pronto, poderemos partir assim que ele chegar.

Tommy sentiu-se mais animado, e quando chegou a hora de o Presidente Young dar o sinal de partida para a extensa caravana de quinhentos carroções, ele e Betsy, alegremente, acenavam adeuses a muitos de seus amigos e vizinhos. Quando perderam a caravana de vista, voltaram correndo para junto da mãe, perguntando no que poderiam ajudar.

— Você pode bater manteiga, — a mãe instruiu Betsy.

A batedeira de madeira parecia um barrilote com tampa. Por um orifício no centro da tampa, passava o punho do batedor que Betsy movia para cima e para baixo, até que o creme de leite se transformasse em manteiga cor de ouro.

Enquanto Betsy se ocupava na batedeira, Tommy encheu o barril de água e prendeu-o no lado de fora do carroção, de modo que a família dispusesse de água potável, quando não fosse possível acampar junto a uma nascente ou perto de um rio. Quando Tommy voltava do riacho, viu uma carroça chegando ao acampamento.

— É papai! — gritou, e largando o balde que trazia, correu a cumprimentá-lo.

— Agora que o senhor chegou, podemos partir para o Oeste? — indagou. — A metade do pessoal já foi.

— Preciso acabar de bater a manteiga antes de partirmos, — atalhou Betsy.

— E também esperar que o pão esteja assado, — acrescentou a mãe.

O pai de Tommy teve que rir.

— Penso que não dará para partirmos esta tarde, — respondeu. — Comprei outra carroça e junta de bois em **St. Joseph** e, assim, pude voltar hoje; os homens com que fui só voltarão amanhã. A carroça está carregada de milho e trigo, e precisamos providenciar uma cobertura para protegê-la.

— Quem irá dirigir o novo carroção? — Tommy quis saber.

— Acho que sua mãe poderá fazê-lo, — replicou o pai.

— Eu poderia guiá-lo, — disse Tommy. Seu pai nada disse por uns momentos e, finalmente, concordou:

— Acho que sim. Bem, vamos tentar. — E antes de desatrelar a junta de bois, mostrou a Tommy como segurar as rédeas e estalar o chicote para atiçar os bois, porém sem machucá-los.

Tommy estava tão ansioso por dirigir os bois, que trabalhou a tarde inteira para que pudessem partir bem cedinho no dia seguinte. Colocou de molho no riacho as seis varas de madeira especial trazidas pelo pai de **St. Joseph**, e quando ficaram flexíveis, ajudou o pai a prendê-las num dos lados da carroça, curvan-

Quando o chefe da banda viu o pai de Tommy, deu-lhe um trombone. Tommy ficou contente, quando o pai começou a tocar.

do-as depois em arco sobre ela até o lado oposto, onde fixaram as outras pontas. Juntos, levantaram e ajustaram sobre a armação a grande cobertura de lona, deixando-a bem esticada, antes de prenderem-na em ambos os lados.

Em seguida, Tommy ajudou o pai a fazer um comprido e alto caixote para mantimentos e a pregá-lo num dos lados do carroção. A gaiola com seis galinhas adquiridas pelo pai em **St. Joseph** foi presa no lado oposto.

Betsy e sua mãe arrumaram a louça e os mantimentos de uso diário no caixote; depois, penduraram os pesados caldeirões de ferro do lado de fora do carroção. Quando a massa de pão estava no ponto, a mãe dividiu parte dela em formas e Betsy fez alguns biscoitos para assar sobre brasas num forno improvisado com caçarola de ferro. Quando estes estavam crescidos e bem tostadinhos, e a família estava para iniciar o jantar, o som de música espalhou-se:

— É a nossa banda! — exclamou Tommy.

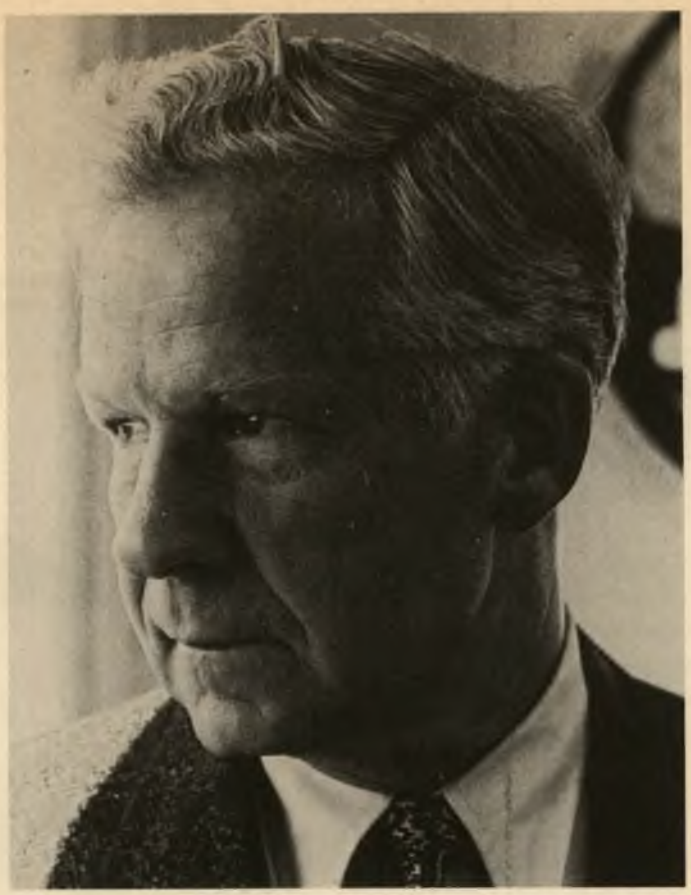
— Tem razão, — gritou o pai. — Vamos convidar alguns deles para jantar conosco.

Agarrando Tommy pela mão, pôs-se a correr em direção da estrada de Nauvoo. A maior parte das duas mil pessoas restantes em **Sugar Creek** também acorreu para receber a banda.

Quando o chefe da banda viu o pai de Tommy, deu-lhe um trombone. Tommy ficou contente, quando o pai começou a tocar, pois lhe recordava os dias felizes de Nauvoo, quando ele ainda participava daquela banda, antes de ser obrigado a vender seu trombone. A banda marchou diretamente para a praça central, seguida pelo povo em passos ritmados como numa parada gigante. Depois de os músicos terem comido uma refeição quente, a banda ofereceu um concerto na praça.

Na manhã seguinte, Tommy levantou-se particularmente cedo. Ele estava por demais excitado para dormir, só pensando em dirigir a carroça. Finalmente, tudo ficou pronto e o garoto subiu à boléia, ao lado da mãe, aguardando o sinal de partida para a pequena caravana de trinta e duas carroças em direção ao oeste.

Enfim, deram o sinal. No mesmo instante, a banda pôs-se a tocar, e com uma sacudidela de rédeas e o estalar do chicote, o carroção de Tommy se pôs em movimento. O pessoal dos carroções começou a cantar e não parou, até atingir o acampamento principal de Israel, dezesseis quilômetros adiante.



Marvin J. Ashton

Do Conselho dos Doze

Doyle L. Green

Setenta e nove homens foram chamados como testemunhas especiais do Senhor Jesus Cristo, e foram feitos membros do Conselho dos Doze Apóstolos nesta dispensação; setenta e nove homens escolhidos dentre as dezenas de milhares de adultos masculinos que vieram a ser membros da Igreja desde a sua organização, em 1830.

É preciso um homem de tipo especial para ser apóstolo. É um importante e sagrado chamado, um chamado que exige dedicação de tempo integral e consagração da vida inteira ao serviço de Deus e dos semelhantes. O Presidente Joseph Fielding Smith declarou: "O dever dos doze apóstolos da Igreja é pregar o Evangelho ao mundo, levá-lo aos habitantes da terra e testificar de Jesus Cristo, o Filho de Deus, como testemunhas vivas de sua divina mensagem."

Normalmente, tal chamado ocorre em época de conferência geral; porém, devido à extrema urgência do trabalho e do fardo incrivelmente pesado suportado pelos membros do Conselho dos Doze, o chamado do septuagésimo nono homem

escolhido, o Élder Marvin Jeremy Ashton, deu-se entre conferências, a 2 de dezembro de 1971, um mês apenas após a morte do Élder Richard L. Evans, que provocou a vacância agora ocupada pelo Élder Ashton.

Seu nome foi apresentado para o voto de apoio dos membros da Igreja, primeiramente em várias conferências de estaca por toda a Igreja, e em seguida, à congregação, na conferência geral de abril p.p.

Pouco depois de ter sido anunciada sua indicação, um reporter perguntou-lhe se o chamado chocara-o, ao que respondeu: "Não, o chamado não me chocou; sem dúvida, surpreendeu-me, mas não fiquei chocado. Ninguém que se esforce em cumprir o seu dever na Igreja deve sentir-se chocado ao receber um chamado." O chamado tampouco foi um choque ou mesmo surpresa para qualquer pessoa que o conheça de perto. Ser escolhido para o sagrado apostolado foi apenas mais um elo na cadeia de serviços e devoção que o Élder Ashton vem formando. Na verdade, sua vida inteira como a vida de seus antepassados, é uma demonstração de como o Senhor prepara seus servos para a liderança.

Os ascendentes do Élder Ashton estiveram entre os primeiros conversos a reconhecer a veracidade do Evangelho restaurado em terras distantes. Seu bisavô, Edward Ashton, nascido em 1821, no País de Gales, prontamente aceitou o Evangelho, quando dele tomou conhecimento através dos missionários; foi batizado em julho de 1849, aos vinte e oito anos de idade, e no ano seguinte, seguiu para a América do Norte. Deixando os parentes e a pátria, uniu sua sorte à dos santos. Desde aí, o nome Ashton tem-se destacado e sido respeitado na Igreja.

O pai do Élder Ashton, Marvin O., cumpriu missão nas Ilhas Britânicas, serviu como bispo, como membro do sumo conselho, na presidência da estaca e como presidente de estaca, e de 1938 até à sua morte, em 1946, foi membro do Bispado Presidente da Igreja.

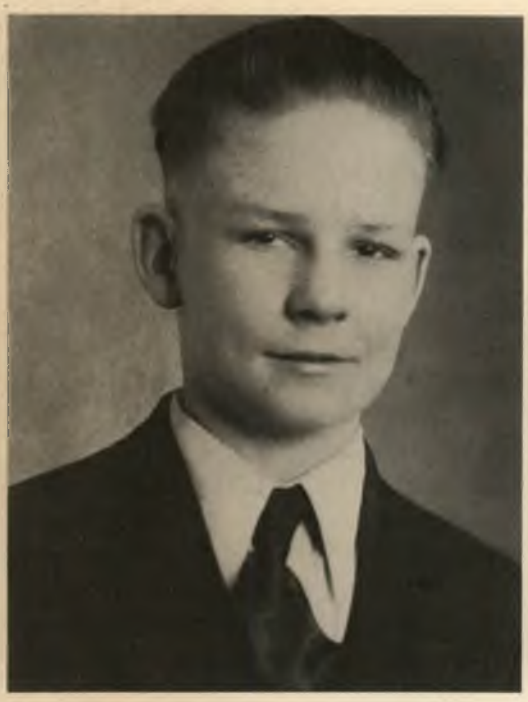
Thomas E. Jeremy, seu bisavô materno, converteu-se no País de Gales, nos primórdios da Igreja, e fez parte dos primeiros santos galeses que vieram para os Estados Unidos, em 1849. Seu filho, John Jeremy, homem inteligente e aficionado da história, enviuvou, ficando com três filhas pequenas para criar sozinho. Uma dessas garotas veio a ser a mãe do Élder Ashton.

O Élder Marvin J. Ashton tem sido uma autoridade geral, como assistente dos Doze, desde outubro de 1969, quando o chamaram para o cargo de diretor superintendente do novo programa de Serviços Sociais Unificados da Igreja.

O jovem Marvin, com cerca de 15 anos. Esta fotografia foi publicada no Deseret News, **com um artigo a respeito de saúde pessoal, de sua autoria.**

Marvin trabalhou para financiar seus estudos universitários, e formou-se em administração de empresas.

O Élder Ashton, sentado, o segundo a contar da direita, foi capitão do time de missionários que ganhou o campeonato nacional britânico. O irmão de terno é o Presidente Hugh B. Brown.



O Élder Ashton tinha vinte e um anos, quando saiu de casa para cumprir missão na Grã-Bretanha. A foto mostra-o com um de seus companheiros, Aldon J. Anderson, perto do Rio Tâmisa em Londres. O Élder Anderson é agora um juiz federal na Cidade do Lago Salgado.

Nessa qualidade, ele tem trabalhado com grupos minoritários, os desprivilegiados, os infortunados e os oprimidos, fazendo-se estimar por inúmeras dessas pessoas. Ele tem também servido a Igreja como presidente da **Deseret Book Company** e como membro da junta diretora do Ginásio Deseret durante vinte e um anos. Antes de sua designação como assistente dos doze, trabalhou na superintendência geral da Associação de Melhoramentos Mútuos dos rapazes durante oito anos, como segundo assistente por três anos, e como membro da junta geral da AMMR, por vinte e um anos.

Em virtude dessas designações, tem percorrido o mundo, levando os programas para a juventude às estacas e missões da Igreja. Seu novo chamado será uma ampliação do trabalho no qual esteve engajado durante todos esses anos.

Quais os talentos e qualidades especiais que o Élder Ashton traz para seu novo cargo? Aqueles que o conhecem de perto, falam de sua inabalável fé no Senhor, invariável devoção à Igreja e indubitável amor ao próximo. Ele é bondoso, insinuante, bom ouvinte, um cavalheiro e pacificador. Mostra-se intensamente interessado nas necessidades e problemas alheios, e invulgarmente sensível a eles. Possui um sorriso cândido, um agudo senso de humor, é polido, refinado e de personalidade marcante. Quando entra em qualquer recinto, os presentes voltam-lhe os olhos.

Filhos e filhas de Marvin A. e Rae J. Ashton, por volta de 1962: Da esquerda para a direita: Afton Curtis, Irmã Ashton, Wendell J. Ashton, Marvin J. Ashton, Phyllis Gardiner e Eleanor Badger. Outro filho, Ted, faleceu num acidente de automóvel, aos dezessete anos.

O casamento de Marvin J. Ashton e Norma Berntson em 1940 uniu dois destacados jovens líderes da Igreja e da comunidade. Uma semana após o casamento, o casal mudou-se para a casa que Marvin construíra especialmente para a noiva.

O autor destas linhas e outros tiveram o privilégio de ser designados para a junta geral da AMM, mais ou menos na mesma época (1949) que o Élder Ashton, podendo acompanhar seu progresso no decorrer dos anos. Vendo-o diri-

gir reuniões, apresentar relatórios, fazer discursos, analisar problemas e cumprir suas inúmeras responsabilidades, sempre nos surpreendemos como conservava a "cabeça fria" sob pressões, quão bem pesava seus conselhos antes de falar, com seu talento de conciliar dois pontos de vista e sua capacidade de guardar segredo. Observamos sua grande afinidade com a juventude da Igreja, sua invulgar capacidade de compreendê-la e sua habilidade de escolher as palavras e narrar histórias que a tocassem. É o tipo de homem a quem os outros pedem conselho. Ficamos impressionados com sua lealdade para com seus líderes e apoio constante às autoridades gerais.

Mas, além disso tudo, ele é conhecido por sua franqueza e coragem. É competidor valente nos jogos desportivos como no jogo da vida. Foi abençoado com muita força de vontade, sendo respeitado como excelente homem de negócios e administrador financeiro. Tem a reputação de ser generoso, prudente e pontual. Seus companheiros de tênis há mais de trinta anos costumam dizer que nunca o viram atrasar-se, nem mesmo para uma partida. Seus amigos contam que nunca desperdiça tempo e sempre está perfeitamente organizado. Quando é hora de tratar de negócios, ele é só homem de negócios; quando é hora de brincar e divertir-se, ninguém consegue divertir-se mais do que ele.

O bebe que viria a ser chamado de Marvin Jeremy Ashton é filho de Marvin O. e Rae Jeremy Asthon, e nasceu a 6 de maio de 1915, numa casa amarela de dois pavimentos, situada na **Browning Avenue,** 1341, na Cidade do Lago Salgado. Naquele tempo, a casa ficava na periferia da cidade, e quando garoto, Marvin muitas vezes ouvia do quarto os coiotes uivando nos contrafortes das montanhas do vale.

Seus pais cedo lhe ensinaram o valor do trabalho e do dinheiro. Como garoto, já criava coelhos e pombos e trabalhava na pequena fazenda de produtos agrícolas operada pela família, plantando e vendendo frutas e vegetais. Mais tarde, enquanto frequentava o curso secundário, trabalhava no negócio de ferragens do pai, situado em **Sugar House.** Financiou seus estudos na Universidade de Utah trabalhando meio dia na loja e estudando as horas restantes. Diplomou-se com louvor em Administração, na Universidade de Utah, encontrando ainda tempo para numerosas atividades extra-curriculares, inclusive o cargo de editor de esportes do jornal universitário por dois anos.

Marvin O. e Rae Ashton criaram os filhos sob as máximas "Lembrem-se sempre de quem são" e "Pensem sempre por si só e apóiem-se sobre seus próprios pés". Os filhos não se lembram de nenhum ensinamento específico, como por exemplo, a Palavra de Sabedoria, pois na sua casa o envolvimento em todas as atividades da Igreja e a obediência a todos os mandamentos era coisa assentada. A mãe ensinava na Primária e era professora oficial da Sociedade de Socorro, enquanto o pai trabalhava na ala e estaca e servia no Bispado Presidente. Não ocorria às crianças a possibilidade de não serem ativos na Igreja. O domingo era dia santo. Ir às reuniões, participar da AMM e pagar o dízimo eram coisas rotineiras. Marvin e seu irmão Wendell, que atualmente é representante regional dos Doze, progrediram no Sacerdócio e passaram pelos programas do Escotismo e dos Cavalheiros, sempre liderando seus pares.

Marvin sempre se destacou nos esportes. No campo missionário, foi capitão do time de basquete que ganhou o campeonato nacional britânico, e membro do time que venceu o torneio internacional europeu. O time treinava e jogava duas noites por semana, depois de terminado o dia de trabalho. Um particular interessante é que, como não dispunham de meios para comprar o uniforme, os próprios jogadores ajudaram a confeccionar a roupa nos dias de folga.

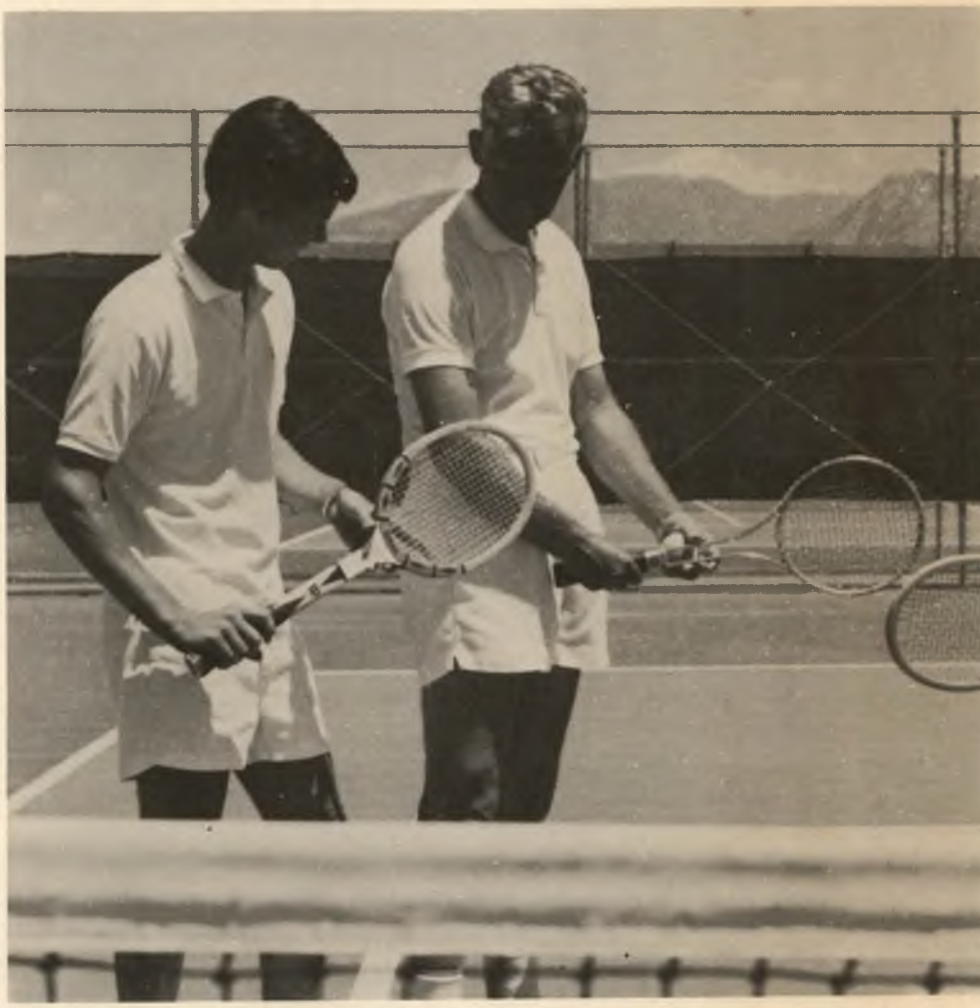
O Élder Ashton tem mantido um rígido programa de tênis, pedestrianismo e outros exer-

cícios, para assegurar sua aptidão física. Mesmo depois de tornar-se uma autoridade geral, ele procura jogar um pouco de tênis aos sábados, às sete horas da manhã, antes de sair para as conferências de estaca, e uma vez por semana, ao meio-dia. Procura também jogar tênis de mesa duas vezes por semana no Ginásio Deseret. Um de seus parceiros favoritos é sua encantadora esposa Norma.

O Élder Ashton destacou-se como missionário na Grã-Bretanha. Um dos principais métodos de divulgação nos seus primeiros tempos missionários era vender assinaturas do **Millennial Star.** Durante os primeiros cinco meses, ele vendeu mais assinaturas dessa publicação do que qualquer outro missionário havia vendido em um ano. A 7 de julho de 1937, o presidente da missão, Joseph J. Cannon, escreveu-lhe: "Há duas semanas venho escrevendo assinaturas do **Millennial Star,** numa média de três por dia, e apresento-lhe minhas efusivas e sinceras congratulações. Isso é que é trabalho; não existe palavra mágica para vender assinaturas do **Star.** Elas são conseguidas com industriosidade, diligência, personalidade e fé."

Por causa de seu treino e habilidade jornalísticos, mais tarde foi nomeado editor associado do **Star** e serviu também como élder supervisor do escritório da Missão Britânica.

Os esportes exerceram importante papel na vida do Élder Ashton. Aqui está ensinando a dois jovens amigos algumas sutilezas do tênis.



Em virtude de sua amizade com um eminente clérigo metodista em Londres, foi convidado a dirigir o programa semanal da "Brigada de Rapazes Metodistas", por mais de seis meses.

O Presidente Hugh B. Brown, presidente da missão durante o último ano e meio da missão do Élder Ashton, louvou-o como missionário que "sempre era o que deveria ser e estava onde deveria estar". Escreveu ainda: "Nunca tive outro jovem no campo missionário pelo qual me importasse mais sinceramente e cuja afeição e cooperação fossem mais apreciados do que as dele."

Embora o moço Marvin Ashton fosse extremamente

popular entre as garotas, não teve namorada firme antes da noite de sua formatura no curso colegial. Chamava-se Norma Berntson. Pertencia a uma família norueguesa muito laboriosa, que moravam a um quarteirão dos Ashton e faziam parte da mesma ala. John Berntson era empreiteiro de construção e possuía uma quadra de tênis no quintal. Talvez tivesse sido o tênis que primeiramente atraiu Norma e Marvin, pois costumavam jogar juntos e participavam de muitas outras atividades na ala, antes daquele primeiro dia de namoro. O romance prosseguiu durante os anos de universidade, e em 1940, casaram-se no Templo de Salt Lake.

Foi a união de dois destacados jovens líderes da Igreja e da comunidade. Norma Ashton sempre foi ativa na Igreja. Ela também trabalhou para ajudar a financiar seus estudos na Universidade de Utah, onde foi presidente da **Associated Women Students,** oficial de sua associação de estudantes, e formou-se com louvor em mérito acadêmico e atividades extra-curriculares. Diplomou-se professora e lecionou durante o último ano de missão de Marvin. Casaram-se pouco mais de um ano após o retorno dele. Em mais de uma ocasião, Marvin tem afirmado: "Norma é a melhor coisa que me aconteceu."

Durante a maior parte das horas de folga daquele ano, Marvin trabalhou na construção da sua casa, pois sempre tivera o desejo de levar sua noiva para um lar de sua propriedade. Para ajudar a pagar a hipoteca e suplementar seus ganhos, depois disso ele já construiu cinco ou seis casas mais, uma por vez, para vender. "Sempre me sinto mal com hipotecas imobiliárias", diz ele, "e procuro saldá-las tão depressa quanto possível."

O casal Ashton foi abençoado com quatro filhos. John, formado em direito, foi missionário na Missão Sudoeste da Inglaterra, e Stephen estudante universitário de ciências sociais, retornou de uma missão na Nova Zelândia. Tem ainda duas filhas: Jonne, esposa de Dale Wheadon, diplomada pela Universidade de Utah, atualmente residindo em Boise, Idaho, e Janice, que estuda na Universidade de Brigham Young. Eles tem ainda um neto.

O deles tem sido um casamento ideal e lar feliz, um lar do qual a luz do Evangelho de Jesus Cristo tem irradiado sempre. É um lar repleto de amor e atividade, e, embora Norma e Marvin sempre estivessem atarefados com designações da Igreja, nunca negligenciaram um ao outro ou seus filhos. Desde 1968, Norma é membro da junta geral da Sociedade de Socorro; antes disso, ela serviu durante vários anos como presidente da AMMM da ala e estaca, enquanto o marido fazia parte da junta geral da AMM. Jamais houve tempo em que ela não ocupasse algum cargo na Igreja.

Durante vinte e um anos, em todas as noites de quarta-feira, havia reunião da junta geral para Marvin, mas o restante da família muitas vezes ia nadar no Ginásio Deseret. Frequen-

temente, encontravam-se depois com o pai, para um lanche a caminho de casa. "Com tais antecedentes," graceja o Élder Ashton, "é de admirar que hoje eu seja o pior nadador da família."

O lar dos Ashton tem sido um local de reunião para os jovens da ala e da vizinhança. Eles têm um grande apreço e amor pelas pessoas, jovens ou velhas. São conhecidos como anfitriões maravilhosos e amplamente reputados pelos entretenimentos sadios que sabem prover aos que os visitam.

Além disso tudo, o Élder Ashton tem arranjado tempo para servir em cargos cívicos. Durante sua vida inteira, interessou-se pelo Escotismo, e tanto ele como seus filhos possuem o posto de Águia. Foi agraciado com as medalhas de **Silver Beaver** e **Silver Antelope** por suas contribuições ao Escotismo e serviu como membro do comitê nacional, membro do comitê executivo regional e no comitê executivo do **Great Salt Lake Council.** Em 1960, foi indicado para o Comitê da Conferência de Jovens da Casa Branca, por Utah. Serviu ainda como membro efetivo e admirado do Senado Estadual de Utah, de 1959 a 1963.

O valor de um homem pode ser aquilatado pelo impacto exercido sobre a vida de seus associados. Eis o que disse um deles sobre o Élder Ashton:

"No decorrer dos anos, nós, seus colegas, viemos a conhecê-lo como um homem que se destaca entre os homens, tanto em estatura como em espírito, forte sem ser teimoso, sem nunca temer trabalho e responsabilidade, incutidor de confiança, homem de equipe, gentil, sorridente, amigável, companheiro agradável, acessível, bom ouvinte, jovial e amado pelos jovens, adepto

Durante vinte e um anos, O Élder Ashton serviu na junta geral e superintendência geral da AMMR. Nesta foto, ele aparece ao lado do Presidente David O. McKay, Presidente Joseph Fielding Smith e Presidente N. Eldon Tanner; Superintendentes G. Carlos Smith (centro) e Carl H. Buehner; e da presidência da AMMM, Florence S. Jacobsen, Margaret R. Jackson e Dorothy P. Holt.

Sempre interessado em assuntos cívicos, o Élder Ashton é mostrado aqui apresentando um candidato para cargo eletivo numa convenção política.

De 1959 a 1963, Marvin Ashton servlu no Senado Estadual de Utah, sendo aplaudido igualmente por republicanos e democratas. Fotografado com ele em 1961, aparece o Senador Clyde Miller, atualmente Secretário de Estado pelo Estado de Utah.

Desde outubro de 1969, o Élder Ashton é diretor superintendente dos programas de assistência social da Igreja. Esta foto o mostra com o Presidente Spencer W. Kimball e o Élder LeGrand Richards, do Conselho dos Doze, e uma encantadora garota lamanita Pauline Martin.

dos esportes, seja como público ou participante, defensor vigoroso do jogo limpo, excelente desportista e perfeccionista no que faz."

Eis o arcabouço da fibra de Marvin J. Ashton, o septuagésimo nono membro do Conselho dos Doze Apóstolos da Igreja de Jesus Cristo nesta dispensação.

Na parede do seu escritório pende um provérbio índio que tipifica sua vida: "Escuta, senão tua língua te deixa surdo." No dia 20 de abril de 1971, proferiu um discurso numa reunião religiosa na Universidade de Brigham Young, que intitulou "Ele Não Respondeu Nada". O tema dessa grande mensagem era que, às vezes os melhores sermões, as mensagens mais convincentes, os sons mais suaves e as respostas mais penetrantes são apresentados em completo silencio. "São os momentos", disse ele," em que tom muscular, tom mental e tom espiritual podem expressar-se mais efetivamente em silencio."

Ao viajar pela Igreja afora a serviço do Mestre, ele é amado e respeitado pelos santos pelo sermão silencioso que é e pelos elevados tons morais, mentais e físicos que irradia, pois é um homem que ama a Deus e seus semelhantes, que coloca seu dever para com a Igreja acima de tudo o mais, que sabe escutar, fala pouco mas diz muito, cujo conselho favorito aos filhos de Deus de qualquer parte é: "Vocês conseguirão fazê-lo de onde estão", e aos familiares desnorteados: "Somente começamos a fracassar no lar, quando perdemos a esperança uns nos outros," e que foi achado digno de ser uma testemunha especial de Jesus Cristo.

A Juventude-Alvo de Satanás

Ezra Taft Benson

Do Conselho dos Doze

Com toda razão foi dito que "há uma época em que o corrompimento generalizado de uma sociedade chega a ponto de pressionar tanto a geração em crescimento, que não se pode dizer que ela tenha realmente escolha entre o Caminho da Luz e o Caminho das Trevas". (Hugh Nibley, **An Approach to the Book of Mormon,** 1957).

Vivemos num mundo iníquo. Nunca, até onde alcance a memória, as forças do mal se apresentaram em formação tão mortífera. O demônio está muito bem organizado. Nunca teve, em nossos dias, tantos emissários trabalhando para ele. Sua majestade satânica vem proclamando, através de seus inúmeros agentes, seu intento de destruir uma geração inteira da nossa esplêndida juventude.

As provas do trabalho vil das forças malignas são cada vez mais evidentes. Os resultados tristes e confrangedores são vistos por toda parte. As forças destrutivas inspiradas pelo demônio estão presentes em nossa literatura, artes, filmes, no rádio, na moda, nas danças, na televisão, e mesmo na música popular moderna, ou que é chamada assim. Satanás lança mão de muitos instrumentos para enfraquecer e destruir o lar e a família, e especialmente a nossa juventude. Hoje em dia, mais do que nunca, as investidas do demônio parecem ser dirigidas principalmente contra os jovens.

Esta carta de um pai, preocupado com os efeitos maléficos de certas músicas populares, é uma dentre muitas. Passo a citar um trecho desse bem informado mestre de jovens:

"A música cria atmosfera. Atmosfera cria ambiente. Ambiente influencia o comportamento. Qual é a mecânica desse processo?

"O **ritmo** é o elemento mais físico da música. É o único que pode traduzir-se em movimento corporal, sem o concurso do som. A mente embotada por entorpecentes ou pelo álcool continua capaz de reagir ao ritmo.

"A **intensidade do som** contribui para o entorpecimento mental. O som elevado ao limiar do insuportável é de tal violência física, que bloqueia os processos mais elevados de pensamento e raciocínio. (E baixar o volume dessa música destrutiva não remove os outros males.)

"A **repetição** levada ao extremo é outro recurso primitivo de entorpecimento...

"Os novos ritmos, irmãos gêmeos do **rock,** são de tal natureza, que nem mesmo o limpo de mãos e puro de coração pode interpretar mal as suas insinuações...

"A **escuridão** (e luzes amortecidas), é outra faceta do ambiente do **rock.** É a capa negra que ablitera a consciência numa máscara de anonimato. A identidade perdida na escuridão afasta-se do sentimento normal de responsabilidade.

"A **luz negra,** cortando a escuridão com raios cegantes, reduz a resistência como a luz forte de um severo interrogatório policial ou o pêndulo balouçante do hipnotizador que procura dominar sua conduta...

"Todo o esquema psicodélico (prossegue esse pai) é uma porta aberta para as drogas, sexo, rebelião e impiedade. Combinado com as gritantes obscenidades da letra, essa música hipnótica produziu o fruto da corrupção. Os líderes da sociedade **rock** proclamam abertamente sua degradação...

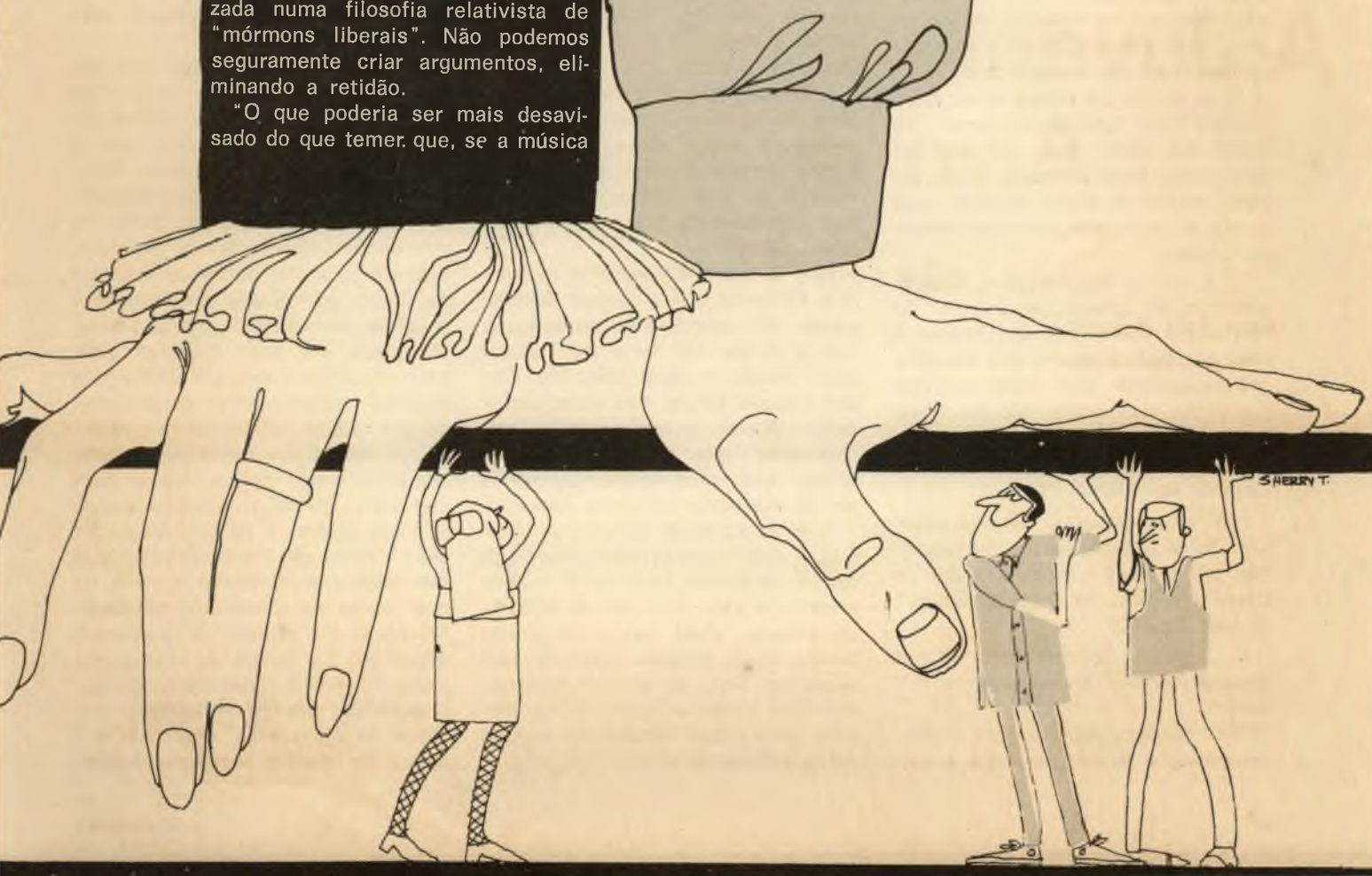
"E a mais diabólica falácia dessa infâmia é que ela nega o ser mal um absoluto. Nossa religião é de absolutos e não pode ser racionalizada numa filosofia relativista de "mórmons liberais". Não podemos seguramente criar argumentos, eliminando a retidão.

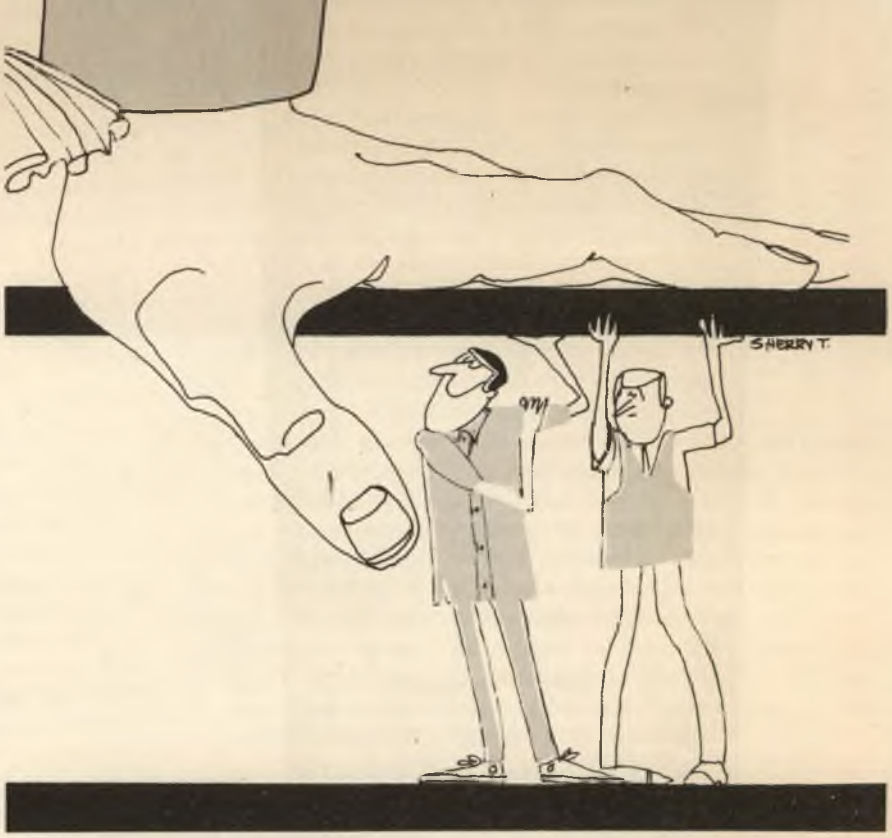
"O que poderia ser mais desavisado do que temer que, se a música **rock** não for aprovada por nossos líderes, perderemos muitos de nossos jovens". (Comitê de Música da AMM.). Mesmo agora os estamos perdendo para os cantos de Satanás, drogas, sexo, tumultos e apostasia. Seria bom lembrarmo-nos da mensagem da peça **Mormon Miracle** (O Milagre Mormon). "Morôni sabia que não se pode transigir com o mal. Quando se transige, o mal sempre sai ganhando." (Richard Nibley, acertos de carta.)

Essa carta de um pai, professor de jovens e membro do departamento de música de uma escola superior, embora analítica, expressa a preocupação de muitos outros pais e líderes da juventude.

A Igreja não pode transigir quanto a seus padrões, devido a imposições populares. Certamente, os adeptos do tabaco, café e álcool alhearam-se dela por causa de padrões inflexíveis, tanto quanto as míni-saias saracoteantes de hoje.

Jamais houve na Igreja um grupo mais esplêndido de jovens. São espíritos escolhidos — enviados à terra neste mais importante e desafiador período do mundo. Arcando com a responsabilidade de edificar o reino de Deus na terra, enfrentam um desafio impressionante.





Essa tremenda e momentosa responsabilidade e desafio chega numa hora extremamente difícil. Nunca antes as forças do mal foram tão insidiosas, difundidas e pérfidas. Por todos os lados, parece ocorrer um aviltamento, incensibilidade, degradação de tudo o que é puro, bom e sublime — tudo isso visando nossa juventude, enquanto muitos dos pais se deixam embalar por uma falsa segurança, desfrutando sua cômoda complacência.

Nem tudo vai bem em Sião. Os inspirados profetas do Livro de Mórmon previram os dias de hoje e, como sentinelas na torre de vigia, advertiram-nos seriamente. Passo a citá-los:

"Pois que, nesse dia, ele (Satanás) assolará os corações dos filhos dos homens e os excitará a se encolerizarem contra o que é bom.

"E a outros pacificará e os adormecerá em segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião; sim, Sião prospera. Tudo vai bem. Assim o diabo engana suas almas e os conduz cuidadosamente ao inferno.

"E a outros ele lisonjeia, dizendo que não há inferno; e diz-lhes: Eu não sou o diabo; ele não existe; e isso ele lhes sussurra aos ouvidos, até os agarrar com suas terríveis correntes, das quais não há libertação...

"E, portanto, ai do que está descuidado em Sião!

"Ai do que alardeia: Tudo vai bem!

"Sim, ai do que escuta os preceitos dos homens e nega o poder de Deus e o dom do Espírito Santo." (2 Néfi 28:20-22, 24-26).

O Senhor deu-nos um solene encargo através de um profeta moderno:

"Na verdade digo a vós todos: Erguei-vos e brilhai, para que a vossa luz seja estandarte para as nações." (D&C 115:5).

"Pois Sião deverá crescer em beleza e em santidade; seus limites deverão ser fortalecidos; sim, na verdade vos digo, Sião deverá se erguer e vestir os seus lindos vestidos." (D&C 82:14).

"Portanto, erguei os vossos corações e rejubilai, cingi os vossos lombos e tomai sobre vós toda a minha armadura, para que possais resistir ao mau dia e, tendo feito tudo, possais permanecer firmes." (D&C 27:15).

Nós amamos a juventude da Igreja e sabemos que o Senhor também a ama. Não existe nada, sendo justo, que a Igreja não faria para ajudar seus jovens — para salvá-los. Eles são o nosso futuro. Nós acreditamos neles. Queremos que sejam felizes. Queremos que tenham êxito no campo que escolheram. Queremos vê-los exaltados no reino celestial.

A eles, dizemos: sois seres imortais. A vida **é** eterna. Não podeis agir mal e sentir-vos bem. Vale a pena levar uma vida boa, salutar e cheia de alegria. Vivei de modo a não terdes coisas graves a lamentar sem angústias. Vivei de modo a poderdes estender a mão e ligar a Força invisível, sem a qual homem algum pode dar o melhor de si.

É preciso haver oposição em todas as coisas. A liberdade de escolha é um princípio eterno de origem divina. Esquivarmo-nos das ciladas e armadilhas de Satanás, seguindo ao Senhor, é a nossa designação. Não é uma tarefa fácil.

Utilizando a vida como laboratório, podemos observar e estudar as vidas alheias como que através de um microscópio. Observai que o homem de Deus é uma pessoa feliz. O hedonista que proclama "Aproveitem a vida", que vive em função do pecaminoso, dos pretensos prazeres, nunca é feliz. Por detrás da máscara de fingida jovialidade, embosca-se a tragédia inevitável da morte eterna. Obcecado por suas sombras lúgubres, ele troca a vida útil e feliz pelo desolado esquecimento proporcionado por drogas, álcool, sexo e **rock.**

Um estudo dos métodos de Satanás pode alertar-nos quanto às suas seduções. Ele sabe muito bem onde e como atacar. É na mocidade que suas vítimas são mais vulneráveis. A mocidade é a primavera da vida, na qual todas as coisas são novidade. Mocidade é o espírito de aventura e despertar. É o tempo de emergência física, quando o corpo atinge o vigor e vitalidade que faz desdenhar o conselho de moderação. Mocidade é a época do sem-fim, em que os hori-

zontes da idade muitas vezes parecem por demais distantes para ser notados. Por isso, a geração de agora esquece que o presente logo se transformará em passado, o qual olha para uma vida desperdiçada ou uma vida rica em obras. São estes ingredientes da mocidade que tornam tão irresistível o plano satânico de "divirtam-se agora e paguem depois". É, o demônio utiliza muitas artimanhas.

"Um estado de confusão é o ambiente propício para Satanás. Hoje em dia, há muita confusão. Ele emprega diversos métodos para criá-la. Um deles é distorcer definições. Para descrever uma experiência com drogas, ele emprega o termo "expansão mental" em lugar da descrição bem mais acurada de "diminuição do senso de realidade".

"Liberdade, termo de nobre tradição, é uma de suas prediletas armas de engodo. Tumultos, bombas, incêndios premeditados, assassinatos são cometidos em nome da liberdade. Obscenidades provam a liberdade de palavra. Pornografia, drogas e imoralidade são alegadamente manifestações de liberdade pessoal, junto com as míni-saias e a nudez. Licenciosidade e anarquia são os produtos dessas falsas prerrogativas.

"A confusão de definições inclui a pornografia. Até uma criança consegue identificá-la, e no entanto, alguns dos supostamente grandes juristas de nosso tempo não sabem definí-la.

"Tolerancia é uma palavra valiosa no vocabulário de Satanás. Alexander Pope, em sua obra **An Essay on Man,** já duzentos anos atrás, advertia-nos de que o vício é um monstro tão horrível, que basta ser visto para ser odiado; mas que, quando se nos torna familiar, primeiro o toleramos, depois sentimos pena e logo o estamos abraçando.

"O ridículo funciona muito bem em colaboração com a confusão. A fim de confundir a juventude em seus anos de busca, o cínico defende sua degradação, ridicularizando os que o criticam com metáforas desconcertantes. Tais zombarias podem provocar risos fáceis e uma renovada confiança de que tudo vai bem em Sião, porém são diabolicamente desonestas.

"A filosofia do relativismo ataca os eternos princípios de verdade. Dirá o relativista: "Quem descobre implicações sórdidas numa canção popular é porque tem uma mente maliciosa." A lógica desta filosofia descobre sua falácia na palavra "implicações". Não existe nenhuma sujeira em muitas das letras. Está proclamado.

"Se restam quaisquer dúvidas quanto aos males insidiosos do **rock,** podeis julgá-lo por seus frutos. As tão publicadas perversões dos profissionais do **rock** por si só, são suficientes para condenar sua influencia. Seu resultado final é o fenômeno contemporâneo dos festivais-monstro de música **rock.** À medida que tais celebrações mórbidas vão-se somando a centenas, infectam a juventude às centenas de milhares. E onde encontrar hoje um festival de **rock,** que não seja também um festival de drogas, sexo e rebelião?" (Richard Nibley).

O Espírito do Senhor abençoa aquele que edifica e guia os homens a Cristo. Poderia seu Espírito abençoar com a sua presença esses pestilentos festivais de degradação humana, tratados a LSD, maconha e "bolinhas"?

Agradar-lhe-ia a exibição vulgar de nudez e imoralidade desavergonhada? A linguagem do festival de **rock** é geralmente obscena, e a música, esmagando a sensibilidade no estrépito de uma idolatria primitiva, glorifica o físico em detrimento do espírito. No longo panorama da história humana, esses festivais de música **rock** estão entre os maiores êxitos de Satanás. As legendárias orgias da Grécia e de Roma não se podem comparar às monumentais obscenidades vistas nessas verdadeiras cloacas de drogas, imoralidade, rebeldia e som "pornofônico". O célebre festival de Woodstock foi a manifestação gigantesca de uma nação enferma. E ainda assim, o filme chocante e os discos de sua música incrivelmente imunda foram um grande negócio aqui, em nosso lar entre as montanhas.

Disse o Senhor: "Pois a minha alma se deleita com o canto do coração; sim, o canto dos justos é uma prece a mim..." (D&C 25:12). Foi do agrado do Senhor, onde lemos no grande Livro de Mórmon, em 3 Néfi: "... romperam em cantos e louvores a seu Deus..." (3 Néfi 4:31). E Satanás deleitou-se, quando os filhos de Léhi e de "Ismael, com suas esposas, começaram a ficar alegres a tal ponto, que começaram a dançar, cantar e falar palavras grosseiras..." (I Néfi 18:9).

E agora um entendido em música aponta "um novo rumo na cultura do **rock** e das drogas (que é) aclamado por muitos clérigos e a indústria da música como um remate prateado das nuvens de ouro. O **rock** religioso está ganhando as paradas de sucesso. A crescente oposição ao cenário do **rock** e drogas vem sendo distraída por essa pretensa retirada salutar da nova moralidade. Porém, um exame mais detido do **rock** religioso desmascara um anti-Cristo insidiosamente dissimulado. Reduzindo a religião revelada a conceitos mitológicos, o **rock** assume o manto da retidão, enquanto rejeita a realidade do pecado. Não existindo pecado, a

nova moralidade pode continuar em sua festança ímpia, acobertada pela pretensa piedade. Por inverter os papéis de Jesus e Judas, um álbum de grande vendagem ilustra perfeitamente a advertência de Isaías (5:20): "Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal; que fazem da escuridade luz, e da luz escuridade." (Richard Nibley).

Não é de admirar, pois, que a liderança da Igreja fosse impelida a pronunciar-se contra tal trapaça sacrílega, apóstata, chamando a atenção dos membros da Igreja para essa iniquidade, num tópico especial do Boletim do Sacerdócio, de agosto de 1971.

Sim, vivemos na melhor das eras, numa época em que o Evangelho restaurado de Jesus Cristo traz esperança ao mundo inteiro. E também na pior das épocas, pois Satanás anda furiosamente à solta, lançando-se a ceifar com implacável vigor.

Como frustrar seus desígnios? A recitação em conjunto da AMM do ano passado dá-nos a direção a seguir. A 13.º Regra de Fé da Igreja contém uma chave importante: "... Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos".

Mas isto será mesmo verdade? Procurar requer esforço.

As pilhas de discos que atraem nossos jovens, com seus envólucros coloridos e frequentemente inconvenientes, escondem sob uma grande massa de crasso comercialismo muitas obras-primas de conteúdo virtuoso e amável.

O magnetismo da televisão e do rádio reside no fácil acesso à sua mediocridade. Amável não seria o adjetivo certo para descrever a maior parte de suas produções. Os inventores dessas maravilhas foram inspirados pelo Senhor. Mas, assim que essas suas boas obras foram postas à disposição do mundo, os poderes das trevas começaram a empregá-las para a nossa destruição. Em todos os veículos — seja o fonógrafo, cinema, rádio ou televisão — podemos traçar facilmente a evolução de seu declínio, a partir da intenção do inventor.

Passarei a citar um músico que, por muitos anos, vem observando a influência da música sobre o comportamento:

"Satanás sabe que a música possui encantamentos que acalmam ou **excitam** a besta selvagem. Que a música tem o poder de criar atmosfera, já era sabido antes do surgimento de **Hollywood.** A atmosfera cria o ambiente, e este influencia a conduta — a conduta de Babilônia ou da cidade de Enoque.

"Os pais que sentem náuseas diante do rádio e discos reverberando em revolta psicodélica, fariam bem em organizar um inventário de sua própria coleção de discos, antes de invectivar. Se for reduzida, unilateral e não utilizada, a culpa cabe a eles próprios. As sementes de cultura germinam melhor no solo fértil do senso de imitação infantil. Nenhum montante de críticas na adolescência poderá substituir os anos de exemplo perdidos na primeira infância. O pai que perde a chance de ser a imagem de herói infantil, deixa lugar vago para o "ídolo" da adolescência." (Richard Nibley).

A maioria desses "ídolos" glorificados hoje em dia, deixaram de ser nobres, realizados, humildes ou retos. Pelo que lemos em livros, revistas e jornais — principalmente nas seções destinadas à juventude — vê-se que são indecentes, obscenos, imorais, egoístas e, em certos casos, mesmo cruéis. É o próprio estilo de vida que devemos evitar aqui na terra que está sendo exibido diante dos jovens por seus célebres pares. Para podermos desviar a admiração juvenil desses exemplos de vida ímpia, é preciso começar cedo. O cuidado e alimentação da criança têm que incluir uma preocupação com sua vida emocional, assim como de sua vida física, espiritual e intelectual.

Viver **no** mundo, sem ser **do** mundo, nunca foi tão difícil para os jovens como hoje. Mas esse fardo deve ser compartilhado pelos pais. A reunião familiar semanal é uma forte barreira contra as investidas de Satanás. O programa da AMM precisa proteger nossa juventude contra toda influência maléfica, preenchendo o vácuo deixado pela rejeição dos prazeres mundanos. E, naturalmente, a grande panacéia para todos os problemas e dúvidas pessoais: a oração — oração em família e secreta, pela manhã e à noite.

O adulto crítico e reclamador conseguirá muito menos sucesso do que aquele que demonstra interesse e compreensão. E tais recursos só dão resultado quando genuínos. E para serem genuínos, têm que ser motivados pelo amor. Temos que amar nossos jovens, estejam agindo certo ou errado. Só assim podemos dar-lhes uma chance de discernir e aprender. Mas também devemos dar-lhes uma escolha justa. Hoje em dia, muitos não têm tido sucesso.

Sim, "há uma época em que o corrompimento generalizado de uma sociedade chega a ponto de pressionar tanto a geração em crescimento, que não pode dizer que ela tenha realmente escolha entre o Caminho da Luz e o Caminho das Trevas".

Conceda Deus que nós, pais e líderes da mocidade, tenhamos a força e o bom senso de dar-lhes uma escolha justa. É o que oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Querido Pai

Richard L. Evans

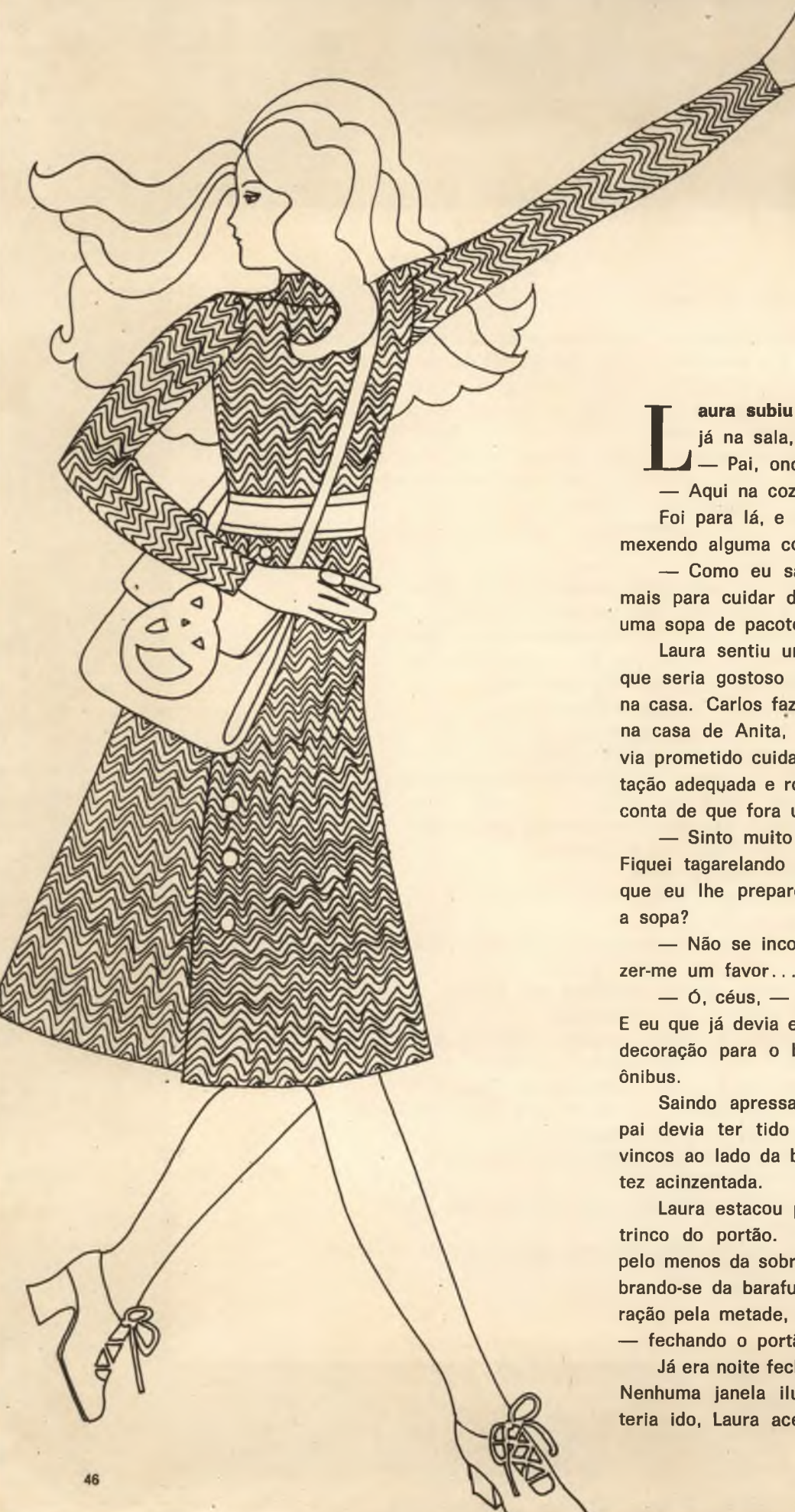
A vida move-se em ciclos, da inocência e sinceridade confiante da criança, sua mãozinha segura na nossa, um garoto muda as cenas — às vezes para agitação, e talvez um poucadinho de alheamento. Passam as estações — por vezes trazendo obstinação e auto-confiança, e, quem sabe, certo afastamento dos pais. Depois um retorno, à medida que o tempo faz abrandar e amadurecer — esperançosamente, com humildade e uma grata reaproximação com aqueles que nos teriam poupado muita coisa, se mais cedo tivéssemos aprendido a

Anos atrás, Frank Crane escreveu algumas linhas sobre esse delicado, penetrante assunto, das quais escolhemos umas poucas frases:

Querido Pai —

Estou-lhe escrevendo, embora você esteja morto há trinta anos.
Sinto que tenho que dizer-lhe certas coisas...
coisas que eu não sabia, quando era um garoto na sua casa.
Somente agora, depois de passar por demorada e dura escola,
somente agora que meus cabelos estão grisalhos,
que eu entendo o que você deve ter sentido.
Devo ter sido uma provação para você.
Eu acreditava na minha própria e fútil sabedoria.
Primeiramente quero confessar meu pior pecado contra você.
Achava que você não me entendia.
Quando agora olho para o passado, sei que não era assim.
Você me entendia melhor do que eu próprio.
E como era paciente! E como eram
patéticos noto agora, seus esforços para achegar-se a mim.
O que fazia eu alhear-me? Não sei.
Mas é trágico que se erga um muro entre um garoto e seu pai.
Desejaria que estivesse aqui agora, sentado ali
do lado oposto da mesa, só por uma hora que fosse,
para dizer-lhe que o muro já não existe mais.
Agora eu o entendo, pai, e como é grande o meu amor e o desejo
de poder voltar atrás e ser novamente seu garoto.
Bem, mas não há de demorar, pai, para que eu chegue aí,
e creio que você será o primeiro a tomar-me pela mão e me ajudar.
Sei que dentre as coisas mais preciosas e
inestimáveis da terra inteira, e a menos compreendida
de todas elas, está o profundo amor,
ternura e anseio de ajudar que o pai sente para com seu filho.
Pois eu também tenho um.
Ali em cima, algures no Silencio, ouça-me, pai, e acredite em mim.

1. **Dr. Frank Crane**, Four-Minute Essays: Dad.



Palavras Omitidas

Iris Syndergaard

Laura subiu correndo os degraus da entrada e já na sala, gritou:

— Pai, onde está você?

— Aqui na cozinha.

Foi para lá, e da porta, viu o pai junto ao fogão, mexendo alguma coisa numa pequena panela.

— Como eu sabia que você estaria ocupada demais para cuidar do jantar, — disse ele, — preparei uma sopa de pacote.

Laura sentiu uma leve pontada de culpa. Achara que seria gostoso passarem uns dias só ela e o pai na casa. Carlos fazia o serviço militar e a mãe estava na casa de Anita, que tivera seu primeiro bebe. Havia prometido cuidar que o pai tivesse sempre alimentação adequada e roupas limpas; agora, porém, dava-se conta de que fora um tanto quanto omissa.

— Sinto muito não ter chegado mais cedo, papai. Fiquei tagarelando com Débora e perdi a hora. Quer que eu lhe prepare umas torradas para acompanhar a sopa?

— Não se incomode, querida, mas se pudesse fazer-me um favor...

— Ó, céus, — exclamou ela, — veja só as horas! E eu que já devia estar lá na reunião — do comitê de decoração para o baile. Se eu correr, ainda pego o ônibus.

Saindo apressada, passou-lhe pela cabeça que o pai devia ter tido um dia particularmente duro. Os vincos ao lado da boca pareciam mais acentuados e a tez acinzentada.

Laura estacou por um momento, com as mãos no trinco do portão. O certo seria ela voltar e cuidar pelo menos da sobremesa para o pai; mas, então, lembrando-se da barafunda no salão da escola — a decoração pela metade, nada decidido a respeito da música — fechando o portão, correu para o ponto do ônibus.

Já era noite fechada, quando Laura voltou para casa. Nenhuma janela iluminada! Imaginando aonde o pai teria ido, Laura acendeu a luz da cozinha. Na mesa,

estava o prato de sopa, intacto. Um calafrio percorreu-lhe o corpo todo.

— Pai? — chamou, hesitante, e ligou uma das lâmpadas da sala. Seu pai estava deitado no sofá, de olhos fechados e as mãos crispadas sobre o peito. Laura correu para junto dele e, inclinando-se, percebeu de imediato que lutava desesperadamente para respirar.

— Ó, papai, — exclamou, — o que é? O que aconteceu?

Seus olhos se abriram e falou com voz rouca:

— Coração... doutor...

Laura disparou para o telefone, agradecida por encontrar os números de emergência anotados, pois tremia tanto, que mal conseguiu discar o número da casa do médico. Silenciosamente, deu graças ao Senhor quando o médico atendeu e a tranquilizou, dizendo que uma ambulância chegaria em poucos minutos e que os aguardaria no hospital.

Mesmo sabendo que se haviam escoado pouco mais de quinze minutos quando ela e o pai estavam a caminho do hospital, Laura nunca imaginara que uma espera pudesse ser tão agoniadamente demorada. Olhava para o pai semi-inconsciente, dizendo e repetindo a si mesma: "Eu não saberia o que fazer, se ele morresse." O que seria dela, sem aquele homem bom e calmo, cuja força meiga a sustentara durante a vida inteira? Ela sabia que, sem ele, o mundo não seria apenas vazio, mas também amedrontador.

Chegando ao hospital, o pai foi levado numa maca sobre rodas por um comprido corredor. Depois de perdê-lo de vista, Laura ficou ali de pé, sem saber o que fazer, até ser procurada por uma enfermeira com o pedido de providenciar seu internamento na recepção.

Quando a funcionária perguntou-lhe se o pai tinha algum seguro, Laura lembrou-se do cartão que costumava ter na carteira.

— Vou providenciar que o atendente traga a carteira, — falou a senhora.

A visão da carteira que lhe foi entregue momentos depois por um rapaz uniformizado de branco, deu-lhe consciência plena da gravidade do estado do pai. Pegou a carteira, sentindo a maciez do couro liso pelo uso e, depois de dar os informes requeridos à funcionária, foi telefonar para a mãe que prometeu voltar imediatamente, chegando pela manhã. Depois, ficou sentada na sala de espera, apertando a carteira entre as mãos, como se alguma coisa dentro dela lhe transmitisse conforto.

Pensando em quantas coisas importantes continha, Laura lembrou-se de um instantâneo que sabia ter o pai carregado consigo durante algum tempo — instantâneo dela, Carlos e Anita, tirado nas montanhas em certo verão. Conjeturando se a fotografia ainda estaria ali, ela voltou a abrir a carteira e, nisto, caiu um pedaço de papel cuidadosamente dobrado.

Desdobrou-o distraidamente. Lendo as poucas linhas, compreendeu com aguda percepção de seu próprio fracasso, que uma carta por ela descoberta no jornal na semana anterior e que a tocara profundamente, havia sido lida também e guardada pelo pai.

Voltou a ler o recorte: "Vivo há quase cinquenta e cinco anos e tenho trabalhado duramente para sustentar minha família. Meus filhos têm tudo o de que precisam. Por que eles não conseguem ver-me como uma pessoa que os ama e necessita da sua afeição? Eu daria até o último centavo que possuo, somente para que meu filho ou uma de minhas filhas me tomasse pela mão e dissesse: 'Pai, eu te amo.'"

Com lágrimas correndo pelo rosto, Laura dobrou cuidadosamente o recorte. **Ó, paizinho,** pensou, **não me deixe. Dê-me a chance de dizer-lhe o que impensadamente deixei de falar todos esses anos.**

As horas se escoavam lentamente. Laura recostara-se e, de olhos fechados, recordava muitas coisinhas a respeito do pai, como aquele dia nos seus primeiros anos de escola, em que ela havia reclamado por causa de suas passadas largas e como ele, então, sorrindo, havia medido seus passos pelos dela. Lembrou-se de um dos seus aniversários; ele voltou para casa um pouco encabulado, porque comprara uma onça de pelúcia grande demais para poder ser embrulhada.

Lembrou-se de coisas importantes, também, como a ocasião em que fora operada de apendicite e, ao acordar, encontrara o pai sentando ao lado da cama. Soube, então, imediatamente, que tudo estava bem. Rememorou as noites em que saía para uma festa com um rapaz e ele dizia: "Sei que posso confiar em você."

Justamente aí o médico entrou na sala. Erguendo-se de um pulo, Laura correu ao encontro dele.

— Está tudo sob controle, Laura, — tranquilizou-a o médico, segurando-lhe o braço. — Seu pai está descansando.

Suspirando debilmente, Laura perguntou:

— Posso vê-lo?

— Só por um minuto, — consentiu o doutor.

Sentindo uma estranha timidez, Laura entrou vagarosamente no quarto, onde o pai repousava numa cama alta e estreita. Que esquisito, pensou, ver aquele homem alto e sempre tão atarefado e interessado, deitado tão quieto. Estava pálido, mas os vincos da testa pareciam suavizados e o olhar sereno.

Puxando uma cadeira para perto da cama, Laura sentou-se. Olhou para o pai e sorriu; depois cobriu com as suas aquelas mãos fortes e calejadas, dizendo mansamente:

— Paizinho, eu te amo.